REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano XVII | OUTUBRO - DEZEMBRO DE 1955 | N.º 4

AS ZONAS PIONEIRAS DO BRASIL*

LEO H. WAIBEL

Segundo o recenseamento de 1940 a área econômicamente explorada no Brasil apurada pelo censo (área recenseada), compreende 2 milhões de quilômetros quadrados, ou seja 23% da área total do país. Dêstes, apenas 188 000 quilômetros quadrados, ou seja 2,2% são de área cultivada e 830 000 quilômetros quadrados, ou cêrca de 10% são utilizados como pastagens. O restante, isto é, 77% de todo o território nacional, ou não são econômicamente utilizados, não são utilizáveis, ou então estão nas mãos de "intrusos", que escapam ao levantamento estatístico. Em todo caso, pode-se dizer que mais da metade da área do Brasil está inexplorada do ponto de vista agrícola e pràticamente despovoada, e isto num país que tem as dimensões de um continente e no qual não ocorrem extensos desertos ou cadeias de altas montanhas.

Com êstes valores representa o Brasil um caso único entre todos os grandes países do globo. Acresce ainda o fato de estar no hemisfério sul, bem afastado da atmosfera polìticamente inflamada do hemisfério norte. Assim é compreensível que a atenção de todo o mundo esteja atualmente voltada para o Brasil. Representa êle a última grande reserva de terras disponíveis do mundo ocidental, e assume do ponto de vista puramente espacial uma posição semelhante à que tinham os Estados Unidos da América do Norte há 150 anos atrás. Por êstes motivos tanto no interior do país quanto no exterior, tem sido manifestada a opinião de que o Brasil promete ser um segundo Estados Unidos. O lema da "marcha para o oeste", levantado durante o govêrno de VARGAS, contribuiu muito para o desenvolvimento desta suposição. Êste lema, porém, preestabelece que no Brasil existam, ou possam ser obtidas, as mesmas possibilidades naturais, as mesmas condições econômicas e a mesma população potencial, que no decorrer dos últimos 150 anos efetuaram o povoamento dos Estados Unidos e levaram à formação da maior potência mundial.

É compreensível e natural que leigos patriotas tenham confiança ilimitada no futuro de seu país, e que expressem êstes sentimentos com frases

---

* A tradução do original alemão foi feita pelo agrônomo WALTER ALBERTO EGLER.

Nota da Redação — Durante a sua permanência no Brasil o Prof. LEO WAIBEL dedicou-se a estudar os magnos problemas da agrogeografia e da colonização no país. Pelo seu caráter dinâmico e sintomático, refletindo as características das formas de economia e de atividade vigentes, as "frentes pioneiras" constituíram sempre um especial motivo de atração para êste geógrafo que procurava estudá-las pessoalmente. Um artigo sôbre as frentes pioneiras no Brasil representaria, portanto, um ponto culminante dos trabalhos de LEO WAIBEL. O texto que aqui publicamos foi iniciado no Brasil para ser posteriormente revisto e completado na tranqüilidade de sua sala de trabalho na terra natal. Quis a sua morte repentina, entretanto, que o trabalho ficasse incompleto, faltando a descrição pormenorizada de cada zona pioneira atual, mas, mesmo assim o divulgamos como contribuição valiosa ao assunto.

grandiosas, muitas vêzes fantásticas. Ao cientista, entretanto, que está imbuído do sentimento de responsabilidade em face de sua especialidade e da nação, cabe realizar uma análise mais crítica. Êle tentará, antes de tudo, obter uma visão bastante clara das verdadeiras condições existentes, antes de manifestar a sua opinião sôbre o futuro. E é sem dúvida ao geógrafo que cabe a tarefa de analisar cuidadosamente, em face dos conhecimentos que tem do país, o que no lema "marcha para o oeste" é uma realidade e o que é frase vã ou "wishful thinking" como dizem os inglêses. É evidente que disto depende o julgamento das possibilidades futuras do país e a sua política de povoamento. Antes de tudo, será necessário comparar a marcha para o oeste no Brasil com a marcha para o oeste nos Estados Unidos.

Um estudo comparativo das zonas pioneiras do Brasil mostra-se, assim, como tarefa cativante. Aliás, não deixa de ser também uma tarefa complexa e difícil. É preciso, que a marcha da expansão do povoamento do país seja exatamente conhecida, e é necessário, além disso, que se tenha uma concepção clara das condições geográficas existentes nas diferentes zonas pioneiras. Todos nós sabemos que êste não é o caso. Diante disso, terei que contentar-me em esboçar os traços gerais de um quadro cujos pormenores terão que ser preenchidos por futuras pesquisas.

Inicialmente, será necessário esclarecer suficientemente o conceito de zona pioneira. De uma compreensão precisa e de uma aplicação adequada dêste conceito depende, na minha opinião, o êxito ou o malôgro da futura política do povoamento do Brasil.

I — O CONCEITO DE ZONA PIONEIRA

A expressão pioneira é originária da terminologia militar e significa "escoteiro", "batedor", Nos Estados Unidos, entretanto, esta palavra foi empregada num sentido econômico, referindo-se ao homem que é o primeiro a penetrar na mata, ajudando a torná-la acessível à civilização, e que com isso promove o deslocamento da "frontier" sertão a dentro. Temos aqui um segundo têrmo da língua inglêsa que no Novo Mundo tomou um sentido diferente. Na Europa a palavra "frontier" significa o limite político que separa dois países vizinhos. Nos Estados Unidos entretanto, o têrmo recebeu, além disso, um sentido econômico: "passou a significar o limite da zona povoada".[1] E, enquanto a fronteira como limite político representa uma linha nìtidamente demarcada, a fronteira no sentido econômico é uma zona, mais ou menos larga, que se intercala entre a mata virgem e a região civilizada. A esta zona damos o nome de zona pioneira.

O exemplo clássico do desenvolvimento de zonas pioneiras é o "middle west" dos Estados Unidos. Ali, no decorrer do século XIX, deu-se o povoamento, por europeus, primeiro da mata, em seguida da "prairie", que foram em poucos decênios transformados numa paisagem cultural moderna.

A questão básica para nós é: temos tais zonas pioneiras no Brasil, e, em caso afirmativo, onde estão localizadas?

[1] TURNER, F. Jackson, 16, p. 41.

Para poder responder a estas perguntas, teremos que tentar antes definir mais claramente do que habitualmente se faz, os dois conceitos "frontier" e "pionier". No oeste dos Estados Unidos, em grandes extensões da América espanhola e principalmente aqui no Brasil, os caçadores, os extrativistas e os criadores de gado penetraram na mata como verdadeiros "frontiersmen" e criaram um tipo de paisagem que por longo tempo não era, nem terra civilizada nem mata virgem, e para o qual se tem aqui a expressão muito feliz de "sertão". No sertão brasileiro, as condições de vida primitiva e sem organização, que transitòriamente encontramos em tôdas as "frontiers", tornaram-se um aspecto permanente. Uma porcentagem muito elevada dos moradores do sertão é de caboclos, e isto não se refere ùnicamente aos trabalhadores e empregados das grandes fazendas de gado, mas também a uma grande parte de seus proprietários.

Poder-se-ia denominar os habitantes do sertão brasileiro de "pioneiros" e o próprio sertão de "zona pioneira", mas seria de molde a causar confusão generalizar êste conceito para tôda a zona considerada como sertão. Além disso, enquanto no "middle west" dos Estados Unidos havia apenas uma "frontier", ao longo da qual os pioneiros se deslocavam para oeste, temos que distinguir aqui no Brasil, de acôrdo com HEHL NEIVA [2] duas "fronteiras": a *fronteira demográfica*, que limita o sertão com a mata virgem para oeste, e a *fronteira econômica* que separa o sertão a leste da região econômicamente mais adiantada. O sertão brasileiro, entretanto, cuja densidade de população atinge apenas 0,5 a 5 habitantes por quilômetro quadrado, tem mais de 1 000 quilômetros de largura ao norte e vai-se estreitando para o sul, até ficar com 200 quilômetros de largura apenas.

Sòmente em poucos trechos de tôda esta imensa área se desenvolveram zonas pioneiras. O conceito de pioneiro, para mim, significa mais do que o conceito de "frontiersman", isto é, do indivíduo que vive numa fronteira espacial. O pioneiro procura não só expandir o povoamento espacialmente, mas também intensificá-lo e criar novos e mais elevados padrões de vida. Sim, empregamos o conceito de pioneiro, também para indicar a introdução de melhoramentos no campo da técnica e mesmo da vida espiritual!

No campo da agricultura, nem o extrativista e o caçador, nem o criador de gado, podem ser considerados como pioneiros; apenas o agricultor pode ser denominado como tal, estando apto a constituir uma zona pioneira. Sòmente êle é capaz de transformar a mata virgem numa paisagem cultural e de alimentar um grande número de pessoas numa área pequena. Naturalmente não levo em conta a mineração e a indústria, cujo desenvolvimento, em geral, leva a paisagens culturais urbanas.

Mas também não é a tôda ampliação territorial da área povoada rural pela expansão da agricultura que pretendo denominar de zona pioneira. Se o desenvolvimento é lento e contínuo, então teremos, pode-se dizer, um caso normal, que na marcha do povoamento da terra ocorreu com freqüência e provàvelmente era a regra. De uma zona pioneira, em geral, só falamos quando, sùbitamente, por uma causa qualquer, a expansão da agricultura se acelera, quando uma es-

[2] HEHL NEIVA, 6, p. 226.

pécie de febre toma a população das imediações mais ou menos próximas e se inicia o afluxo de uma forte corrente humana. Em outras palavras: quando a agricultura e o povoamento provocam o que os americanos denominam na sua linguagem comercial um "boom" ou "rush". Então, os preços das terras elevam-se vertiginosamente, as matas são derrubadas, casas e ruas são construídas, povoados e cidades saltam da terra quase da noite para o dia, e um espírito de arrôjo e de otimismo invade tôda a população. Sòmente estas zonas pioneiras dinâmicas são o assunto de meu trabalho e, sòmente elas podem ser comparadas com as zonas pioneiras do "middle west" dos Estados Unidos.

II — AS ZONAS PIONEIRAS DO BRASIL

A) *As zonas pioneiras do século XVIII.*

Um simples olhar sôbre a história do desenvolvimento econômico do Brasil mostra que as zonas pioneiras dinâmicas não são de maneira alguma um fato novo. Segundo os excelentes trabalhos de CAIO PRADO JÚNIOR, surgiu pela primeira vez uma zona pioneira, com tôdas as suas características, na segunda metade do século XVIII, durante a expansão da *cultura algodoeira*.

"A lavoura algodoeira abrira perspectivas agrícolas para zonas que até aí só tinham conhecido o pastoreio ou a mineração".[3]

"O algodão, nos primeiros tempos da febre e dos grandes lucros, gozando de preços anormalmente altos" (1670, 128),[4] é a causa em virtude da qual, em várias regiões do nordeste semi-árido o povoamento penetrou ràpidamente da costa para o interior e promoveu um verdadeiro "boom".

Êste foi o caso principalmente no Maranhão. "A cultura algodoeira parte aí do nada, de uma região pobre. O algodão lhe dará vida e a transformará, em poucos decênios, numa das mais ricas e salientes capitanias. Deveu-se isto em particular à "Companhia Geral do Comércio do Grão Pará e do Maranhão", concessionária desde 1756 do monopólio dêste comércio. É esta companhia que fornecerá créditos, escravos e ferramentas aos lavradores; que os estimulará a se dedicarem ao algodão, cuja favorável conjuntura começava a se delinear".[5] "As culturas se internam subindo as margens do Itapecuru, e se concentram sobretudo em Caxias",[6] a cêrca de 200 a 300 quilômetros para o interior. "Dêste último distrito provinha mais de metade da produção maranhense". "Com o algodão vieram os escravos africanos. O algodão, apesar de branco, tornara prêto o Maranhão".[7]

Uma zona pioneira semelhante, mas menos importante ocasionou, na mesma época, a alta dos preços do algodão no Ceará e no nordeste de Minas Gerais, na comarca de Minas Novas.[8]

Na expansão da cana-de-açúcar no Brasil não parece se terem desenvolvido zonas pioneiras. Por motivos naturais, econômicos e políticos a cultura cana-

---

[3] PRADO JR., Caio 11, p. 146.
[4] Idem, p. 128.
[5] PRADO JR., Caio 12, p. 90.
[6] Idem, p. 91.
[7] PRADO JR., Caio 11, pp. 144 e 145.
[8] Idem, p. 71.

vieira, na era colonial, ficou ligada às proximidades do litoral. Em virtude disso faltava a possibilidade de um alargamento espacial, o que é uma premissa fundamental para a formação de um zona pioneira dinâmica. Apesar de tudo, porém, desenrolaram-se na região da embocadura do Paraíba do Sul, na segunda metade do século XVIII, acontecimentos que, indiscutìvelmente, fazem lembrar uma zona pioneira. O número de engenhos multiplicou-se ali de oito vêzes no período de 1750 a 1820 (de 50 para 400) e o número dos habitantes rurais quase quintuplicou (de 12 000 para 50 000).[9]

B) *O desenvolvimento da cultura do café no Brasil centro-oriental, no século XIX.*

Ao contrário da cana-de-açúcar, que vegeta melhor nas baixadas, o café, ou melhor, o café da Arábia, é uma planta que prefere regiões montanhosas e altas. Por êste motivo êle não prosperou na região do Amazonas, onde foi inicialmente introduzido. No Brasil centro-oriental, entretanto, encontrou, um século mais tarde, ótimas condições naturais e econômicas e iniciou ali, dentro em pouco, a sua marcha triunfal para o interior, promovendo o desenvolvimento de zonas pioneiras clássicas. O excelente trabalho de SÉRGIO MILLIET "Roteiro do Café" [10] dá uma idéia bem clara do desenvolvimento da cultura cafeeira no estado de São Paulo e a conseqüente expansão e aumento numérico da população, no período de 1836 a 1935. SÉRGIO MILLIET levou a cabo a árdua tarefa de organizar a produção do café e a distribuição da população, por município, para os anos de 1836, 1854, 1886, 1920 e 1935 levando em conta sempre a área dos mesmos e, principalmente, o fracionamento de municípios antigos num número considerável de novos municípios. Até com que grau de precisão foi-lhe possível reconhecer as verdadeiras "unidades estatísticas territoriais", sem a ajuda de mapas precisos, não posso opinar. Mas o material por êle apresentado em extenso basta, indiscutìvelmente, para distinguir as zonas da cultura do café no estado de São Paulo.

MILLIET agrupa os municípios produtores de café no estado de São Paulo em sete regiões ou zonas, que, na realidade são mais zonas de comunicações, isto é, zonas de recepção das estradas de ferro, do que pròpriamente zonas econômicas. Mas, como as estradas de ferro, de 1870 em diante, tiveram uma influência decisiva na expansão da cultura cafeeira e na distribuição da população, eu sigo, em princípio, a sua divisão. É verdade que a consideração das condições naturais, principalmente das geológicas, que infelizmente MILLIET desprezou por completo, levam à necessidade de subdividir ou, em outros casos, de reunir em uma só, algumas de suas zonas.

1) *A Zona de Depressão do Paraíba*

A zona cafeeira mais antiga do Brasil centro-oriental é a chamada "zona do Rio de Janeiro" que abrange a depressão do Paraíba e sua moldura montanhosa, no estado do Rio de Janeiro, sul de Minas Gerais e norte de São

[9] CRETTON, Décio 2, p. 723.
[10] MILLIET, Sérgio, p. 8.

Paulo. Seria mais acertado denominá-la de "zona do Paraíba". A cultura do café expandiu-se, ali, após as guerras napoleônicas, numa região já em grande parte povoada. A nova planta cultivada trouxe consigo, também, uma nova forma de atividade econômica. Em lugar das "roças", por meio das quais se fazia a cultura do milho e a criação de porcos para o mercado do Rio de Janeiro, surgiu o sistema econômico-capitalista da "plantation", que, da mesma maneira que na plantação da cana-de-açúcar, dependia inteiramente do trabalho escravo. Tanto a cultura como o beneficiamento do café era rudimentar e o café "tipo Rio" sempre alcançava apenas preços relativamente baixos. Apesar disso, porém, os fazendeiros auferiam lucros fabulosos, um novo surto de vida invadira as velhas cidades e nas encostas da serra do Mar e da Mantiqueira as terras virgens se transformavam em terras de cultura. Na segunda metade do século XIX esta região representava a paisagem mais rica de todo o Brasil.

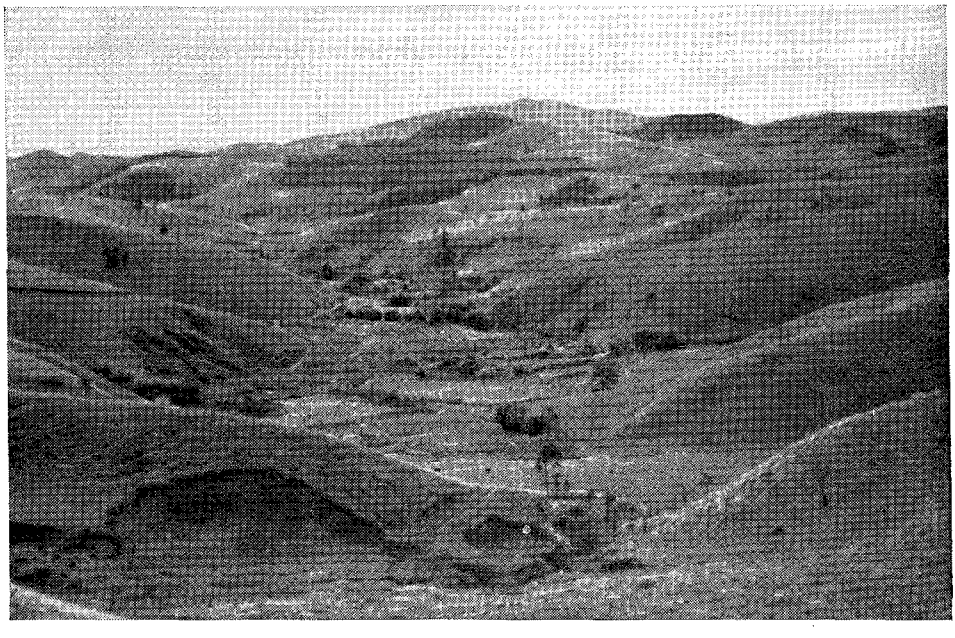


Foto 1 — *Paisagem atual do alto vale do Paraíba, vendo-se as encostas dos morros ocupados por pastagens pobres em substituição aos cafèzais que, no século XIX promoveram a ocupação da região. Os solos acham-se esgotados. A erosão ataca as vertentes mais abruptas.*
Foto CNG — Jablonsky

A parte de São Paulo da "zona do Rio", a chamada "zona norte" de SÉRGIO MILLIET, produzia em 1854 2 700 000 arrôbas de café, ou seja, 77,46% de tôda a produção do estado de São Paulo. Até pouco depois de 1880 a produção se manteve de certo modo constante, mas, em seguida, em virtude do progressivo esgotamento dos solos, começou um declínio tão forte na produção que a mesma zona em 1920 só produzia 3,47% e em 1935 apenas 1,71% da produção total do estado de São Paulo. O mesmo fato se repetiu na parte do estado do Rio de Janeiro e de Minas Gerais desta antiga zona cafeeira. Hoje, encontram-se aí pastos pobres, terras abandonadas e profundos sulcos de erosão, nas encostas que há 100 anos atrás ostentavam cafèzais florescentes.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

SERVIÇO DE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA

BRASIL

ESCALA

100 50 0 50 100 200 300 Km

1948

CENTRO TERRITORIAL

COORDENAÇÃO DA GEOGRAFIA

SETOR DE CÁLCULOS

CENTROS DE POPULAÇÃO

EM 1872, 1890, 1900, 1920 E 1940.

CONVENÇÕES

Limite interestadual

Limite de Região

Limite internacional

Limites em Litígio

C.P. das Unidades Federadas 1872 1890 1900 1920 1940

C.P. das Regiões 1872 1890 1900 1920 1940

C.P. do Brasil 1872 1890 1900 1920 1940

(Veja notas 5 e 6)

NOTAS:

1)- Para simplificação dos cálculos consideraram-se as populações concentradas nas sédes municipais.

2)- Os C.P. foram determinados pelas fórmulas: Lat.= $\frac{\sum p_i \varphi_i}{\sum p_i}$, Long.= $\frac{\sum p_i \lambda_i}{\sum p_i}$; sendo p_i = população municipal, φ_i e λ_i, respectivamente lat. e long. das sédes municipais.

3)- O Território do Acre, criado em 1903, só foi recenseado a partir de 1920.

4)- Documentação:

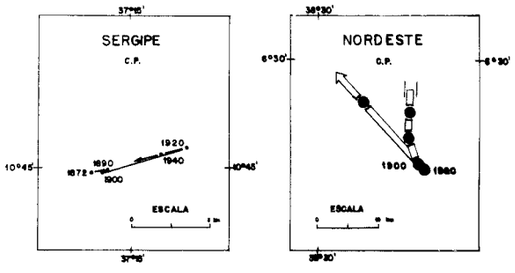
a — População — dados oficiais de cada Recenseamento.

b — Coordenadas — as determinadas e as aceitas pelo C.N.G.

c — Base cartográfica — Cartograma da Divisão Municipal do Brasil — escala 1:5 330 000 — editado pelo C.N.G. em Outubro de 1945.

5)- O C.P. do Distrito Federal foi considerado fixo.

6)- À zona litigiosa Minas-E. Santo, recenseada a parte em 1940, atribuiu-se um centro arbitrário.



Angelo Dias Maciel

22207

2) *A Zona Central do Estado de São Paulo*

Mais ou menos na mesma época em que se dava a transformação da região da bacia do Paraíba em uma zona cafeeira, o café expandia-se também no planalto interior de São Paulo, e isto 70 quilômetros ao norte da capital, na região de Jundiaí e Campinas. Esta região era igualmente de povoamento antigo e já anteriormente se tinha desenvolvido na mesma a cultura da cana-de-açúcar, isto é, uma exploração do tipo de grande monocultura capitalista. Mas, enquanto a cana-de-açúcar preferia as baixadas do Tietê e de seus afluentes, o café se espalhava pelas colinas do cristalino, em tôrno de Jundiaí, e na zona sedimentar paleozóica a oeste de Campinas, onde afloramentos isolados de diabásio ocasionam o aparecimento da terra roxa fértil. Mais para oeste estende-se entre Tatuí e Piracicaba a chamada "formação Tatuí", cujos espigões, em virtude dos solos férteis, estão, ainda hoje, em parte cobertos com monoculturas cafeeiras. Mas, grandes extensões desta zona têm solos arenosos que originàriamente estavam cobertos de campos cerrados e não de matas.

Desde 1840 se fazia a exportação do café produzido nesta zona através do pôrto de Santos, que dela distava cêrca de 150 quilômetros e era alcançado em carros-de-boi e tropas de burros. É por isso que esta zona cafeeira é muitas vêzes impròpriamente denominada "zona de Santos". SÉRGIO MILLIET engloba-a na sua "zona central" que forma um quadrilátero irregular em cujos vértices ficam as cidades de Piracicaba, Itapetininga, São Paulo e Bragança Paulista. Na realidade, sòmente no extremo norte desta zona a cultura do café se expandiu de fato.

A produção cafeeira desta zona só assumiu um caráter de onda progressiva desde que, em 1867, a "São Paulo Railway", uma companhia inglêsa, atingiu a cidade de Jundiaí, partindo de Santos. Três anos mais tarde era fundada pelos paulistas a Companhia Sorocabana de Estradas de Ferro com a finalidade de ligar Jundiaí em direção oeste com Sorocaba. Um outro ramal foi posteriormente construído em direção de noroeste, ligando Jundiaí com Piracicaba. Ao longo destas estradas de ferro, a cultura do café se desenvolveu de tal forma que a produção desta zona sextuplicou, passando de 491 000 arrôbas em 1854 para 3 000 000 de arrôbas em 1886 (segundo dados de SÉRGIO MILLIET). Isto representava 29% da produção total do estado de São Paulo e a zona central ocupava assim o primeiro lugar em produção.

A partir desta época, o valor porcentual desta zona, em relação à produção total do estado, decaiu para 12,58% em 1920 e 7,09% em 1935. Mas em valor absoluto a produção manteve-se, contudo, no mesmo nível! Isto é bem diferente do que aconteceu na zona do Paraíba. Ainda ao contrário do que aconteceu nesta última zona, a população da zona central não se manteve estacionária, mas aumentou de 300 000 habitantes em 1886 para quase 800 000 em 1920 e, aproximadamente, 900 000 em 1935. Isto, segundo SÉRGIO MILLIET, deve-se em grande parte à imigração de colonos europeus depois da libertação dos escravos. Posteriormente, muitos dêles estabeleceram-se como pequenos proprietários e, ao lado do café produziam também outros produtos, principalmente algodão, cereais, frutas (laranjas e uvas) e praticavam, em pastos cuidadosamente tratados, a produção de lacticínios. Assim se desenvolveu nesta região, principalmente em tôrno de Campinas e Piracicaba uma policultura tão inten-

siva que raramente se encontra similar em todo o Brasil. O mercado garantido para a colocação dos produtos, representado pela capital do estado, como também pelas três cidades industriais Campinas, Jundiaí e Sorocaba, em franco desenvolvimento, foi, na verdade, o motivo desta intensificação.

3) *A Zona de São Carlos — Ribeirão Prêto*

Já na época em que a produção de café na zona central atingia nos anos de 1880 o seu ponto máximo, a cultura do mesmo tinha avançado pelo estado a dentro em direção norte e noroeste, acompanhando os vales do Moji-Guaçu e de seus afluentes. Com isso êle atingia, a leste da depressão paleozóica, as ramificações da região serrana cristalina de Minas Gerais e a oeste da mesma penetravam numa formação geológica inteiramente nova, os arenitos triássicos de Botucatu, com seus extensos derrames de "trapp" responsáveis pelos férteis solos de terra roxa, que em grande parte ainda estavam cobertos de mata.

Já em 1850 e nos anos seguintes o café, acompanhando os antigos caminhos de comunicação, tinha avançado para noroeste até São Carlos e para norte além de Limeira, como mostram muito bem os pequenos esquemas de PRESTON JAMES publicados na "Geographical Review".[11] (No ano de 1856 a região produtora mais importante encontrava-se em Moji-Mirim, na depressão paleozóica). As velhas cidades Campinas e Piracicaba receberam com isso uma nova função — a de porta para o sertão (bôca de sertão). Mas o verdadeiro desenvolvimento nessa nova zona cafeeira foi trazido mais uma vez pelas estradas de ferro. A "Companhia Mojiana", fundada em 1872, estendeu ràpidamente os seus trilhos em direção norte, enquanto a "Paulista", fundada em 1868, alcançava a região de terra roxa a oeste de Campinas. Estas duas estradas de ferro, com suas numerosas ramificações constituíam a espinha dorsal econômica da nova zona cafeeira, que SÉRGIO MILLIET com muita razão denominou por isso de "Zona da Mojiana e Paulista".

Os novos meios de transporte e o fato de que naquela época já se contava certamente com a libertação dos escravos, ocasionaram uma radical mudança no modo de pensar dos fazendeiros paulistas, quanto ao emprêgo dos seus capitais. Até então os mesmos eram utilizados exclusivamente na aquisição de escravos, animais de trabalho e de novas terras. Os escravos, porém, tornaram-se uma inversão improdutiva de capital.

Por isso iniciaram-se novos tipos de investimento dos capitais excedentes, na construção de estradas de ferro e na aquisição de máquinas de beneficiamento de café, com o fim de reduzir a mão-de-obra dispendiosa e melhorar a qualidade do produto. "No que concerne à preparação mecânica do café, os plantadores brasileiros estão certamente muito mais adiantados do que os javaneses", escrevia um especialista holandês em 1885.[12] Além disso, entraram no lugar dos escravos negros, milhares de trabalhadores europeus, sobretudo italianos, cuja mão-de-obra organizada contribuiu tanto para o aumento da quantidade quanto para o apuramento da qualidade do café.

Para tornar mais rendosa a aquisição das máquinas caras e da mão-de-obra européia, igualmente cara, os empreendimentos foram ampliados, e pela pri-

[11] JAMES, Preston, 7.
[12] VAN DELDEN LAËRNE — 15 pp. 311-317.

meira vez apareceram as gigantescas fazendas, com milhares e mesmo milhões de cafeeiros, praticada a cultura do mesmo, sob forma de uma verdadeira monocultura.

A rapidez com que a cultura do café e o aumento da população se desenvolveram na nova zona cafeeira é demonstrada pelos seguintes valores (de MILLIET):

ZONA	Produção de café em % da produção total do estado de São Paulo			Número de habitantes em % da população total das zonas cafeeiras		
	1854	1886	1920	1854	1886	1920
Mojiana	2,31	21,81	35,53	19,92	15,80	22,23
Paulista	6,32	23,69	18,77	6,81	12,90	14,71

Os dados de população revelam que a Paulista penetrou em terras virgens, enquanto a Mojiana, em grande parte, atravessou terras já anteriormente povoadas. A Mojiana em 1875 atingia Casa Branca, que vinte anos antes já contava com 7 000 habitantes. Daí parte uma ramificação para noroeste, em direção à extensa região de terra roxa de Ribeirão Prêto, que já era uma cidade de 10 000 habitantes quando a estrada de ferro lá chegou em 1886.[13]

Em plena mata virgem penetrou uma terceira estrada de ferro, que em 1886 se ramificou da "Paulista" na cidade de Araraquara e avançou em direção noroeste, seguindo o divisor de águas entre o Moji-Guaçu e o Tietê. "Não existia pràticamente nada antes dos trilhos. Era a floresta fechada e o índio agressivo. Pioneira absoluta em zona desconhecida e uma inversão audaciosa de capitais, porque não houvera antes exemplo fecundo a confirmar o êxito".[14]

Os dados para esta nova zona da estrada de ferro são:

Ano	*Produção de café em %*	*População em %*
1886	4,05	4,18
1920	18,79	15,87

De maneira clássica êstes valores se correspondem entre si e demonstram o verdadeiro caráter pioneiro desta zona parcial.

Mais uma vez é a terra roxa que promove êste enorme desenvolvimento. Sim, porque SÉRGIO MILLIET inclui na sua "Zona Araraquarense" os grandes lençóis de "trapp" que se encontram ao sul da cidade de Araraquara, nas cabeceiras dos afluentes do Tietê, ainda na área da formação Botucatu (Jaú, Brotas, Ribeirão Bonito). Por essa razão reúno as três zonas de MILLIET (Mojiana,[15] Paulista e Araraquarense), nas quais a cultura do café, até 1920, se realizava

[13] MILLIET, Sérgio, 8, p. 52.

[14] BARROS FERREIRA, 1.

[15] Na Mojiana, aliás, o centro da cultura cafeeira até 1890 e anos seguintes, estava na região serrana cristalina, ao longo da divisa com o estado de Minas Gerais, e sòmente mais tarde se espalhou pela região de terra roxa. De acôrdo com as unidades geológicas, a produção de café da Mojiana expressa em porcentagens da população total da mesma zona era assim distribuída:

	1856	1886	1920	1935
Região serrana cristalina	—	74,0	41,9	27,8
Depressão paleozóica	100,0	17,3	11,3	9,4
Formação Botucatu (terra roxa)	—	8,7	46,2	62,8

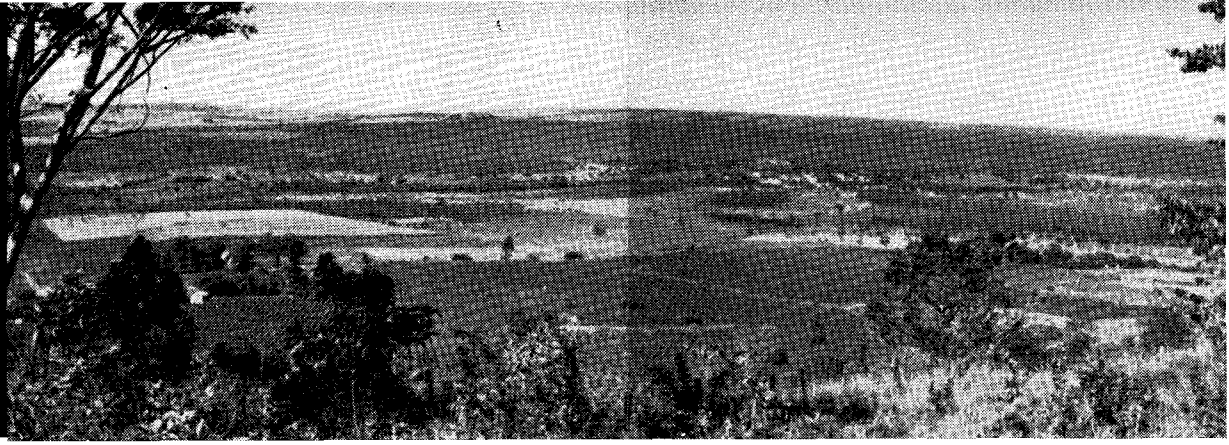


Foto 2 — *Na zona de Ribeirão Prêto conservaram-se até os dias atuais muitos dos velhos cafèzais. Outros estão sendo plantados nos últimos anos, em conseqüência da alta dos preços do café. Mas ao lado da cultura tradicional desenvolvem-se também a criação de gado e, em muitos trechos, a cultura da cana-de-açúcar como se pode observar na fotografia, obtida nas proximidades da cidade de Serra Azul.*

Foto Dora Romariz

em áreas de terra roxa, numa única zona que denomino de "Zona de São Carlos-Ribeirão Prêto", segundo as suas cidades principais.

No ano de 1920 a zona de São Carlos-Ribeirão Prêto produzia mais de 16 milhões de arrôbas de café, ou seja, 73% da produção total do estado de São Paulo, enquanto em 1886 a produção orçava apenas em 32,8%. Da mesma forma a população aumentava de 340 000 habitantes em 1886 para 1 200 000 em 1920. A esta zona deve o estado de São Paulo tanto a sua posição privilegiada no mercado mundial do café, quanto, as periódicas superproduções e com isso as correspondentes grandes crises econômicas.

A cultura sem adubação e a plantação de cereais entre os pés de café levaram, também aqui, embora menos ràpidamente, do que na zona do Paraíba, a um esgotamento prematuro do solo e a um conseqüente decréscimo da produção. Na região de Ribeirão Prêto o rendimento de um pé de café era em 1900 de 5 libras de grãos em média, hoje (1950), decaiu para 0,3 libras.[16] Grandes pesquisas ocasionaram também a terrível praga de "broca", surgida em 1924. As grandes tulhas de Ribeirão Prêto hoje estão vazias e em grandes extensões em tôrno da cidade não se encontra mais um único pé de café. Nas encostas altas os antigos cafèzais foram transformados em pastos mal tratados, enquanto nos vales os sitiantes japonêses e italianos cultivam legumes, frutas, cereais e algodão. Êste último tornou-se o produto cultivado mais importante da região. As companhias de estrada de ferro, cuja exploração não dava mais lucro, contribuíram fundamentalmente em interêsse próprio nesta transformação econômica. Mas a intensificação da agricultura em grandes proporções, como tivemos ocasião de observar nas imediações de Campinas e Piracicaba, na Zona Central, não se efetuou nesta zona cafeeira mais nova. Para tal faltam ainda os mercados locais e os centros industriais capacitados a absorver a produção que uma tal intensificação poderia fornecer. Por outro lado, entretanto, não se deu ali a devastação de regiões inteiras, como se pode observar na bacia do Paraíba. E, enquanto na parte paulista desta última região a população diminuiu de quase 7 000 pessoas de 1920 a 1935, no mesmo espaço de tempo na zona de São Carlos-Ribeirão Prêto a população aumentou de 220 000 habitantes. Aliás, o ponto máximo da produção cafeeira nesta zona só foi atingido em 1935.

---

[16] SETZER, José, 14, p. 353.

Infelizmente, SÉRGIO MILLIET, no seu pequeno mapa da "Situação do café em 1920",[17] distribui a produção de cada zona uniformemente sôbre a área total da mesma, de maneira que os limites da verdadeira área cultivada, que ao mesmo tempo representam a frente pioneira, não aparecem. O mesmo não se dá com o mapa do uso da terra e da vegetação do estado de São Paulo, na escala de 1 : 2 000 000, em côres, publicado em 1910 pela "Comissão Geográfica e Geológica", onde a expansão da cultura cafeeira na zona de São Carlos-Ribeirão Prêto aparece claramente. Na Mojiana a cultura do café avançou até Batatais (465 quilômetros além da cidade de São Paulo), na Paulista até Bebedouro (458 quilômetros) e na Araraquarense até Taquaritinga (379 quilômetros). Lá, portanto, o sistema econômico capitalista da "plantation" que em geral prefere estabelecer-se nas regiões próximas da costa, tornou-se um fenômeno típico das fronteiras do interior remoto.

4) *A Zona de Botucatu*

O mapa do uso da terra acima mencionado mostra o comêço de uma nova zona cafeeira, que se estendeu sôbre o divisor de águas entre os rios Tietê e Pardo, e seguindo o vale dêste último expandiu-se em direção oeste para o Paranapanema. Também esta zona estende-se ainda totalmente na área da formação triássica Botucatu, com as suas ocorrências de diabásio e de terra roxa e, a própria cidade de Botucatu que deu o nome a esta formação, está localizada nesta zona, próximo de sua borda ocidental, em cima da escarpa de arenito com camadas intercaladas de "trapp". Denomino, por isso, esta nova zona cafeeira como a "Zona de Botucatu".

Esta zona foi povoada em meados do século XIX por fazendeiros de gado. Sòmente no comêço dêste século, expandiu-se na mesma, a cultura do café, quando, em 1890, foi construído um ramal da Sorocabana, a chamada "Alta Sorocabana", saindo de Botucatu e varando para oeste para atingir o Paranapanema em 1909. A escarpa de formação de "trapp" (em Botucatu), e as ocorrências isoladas de terra roxa nos vales (São Manuel, Itatinga, Avaré e Piraju) tornam-se os principais centros da cultura do café nesta zona. Os valores para esta zona são:

Ano	*Produção de café*	*Habitantes*
1886	150 000	54 799
1920	1 658 434	251 118
1935	4 484 008	304 852

Neste último ano a zona produziu 8,5% da produção total de café do estado de São Paulo e compreendia 6,6% da população de tôdas as zonas cafeeiras do estado. Quantitativamente portanto esta zona não desempenha um papel importante, e é êste, possìvelmente, o motivo por que SÉRGIO MILLIET a inclui na sua "Zona da Alta Sorocabana". Mas, tanto geològicamente, quanto geográfica e econômicamente, esta parte da "Alta Sorocabana" se diferencia da "Zona Nova", situada mais para oeste, e foi por isso, com razão, separada por PIERRE DEFFONTAINES como zona distinta; êle a denominou "Zone des grands cafezals de l'Ouest" ou "Zona de Ourinhos".

[17] MILLIET, Sérgio, p. 26.

DEFFONTAINES esclarece que esta zona foi preferida pelos colonos porque os solos, ainda frescos, permitiam culturas intercalares. Em virtude das altitudes mais baixas, o perigo das geadas pela inversão das temperaturas é ali maior. A safra não é mais, como em Ribeirão Prêto, em plena estação sêca, entre maio e agôsto, mas recua até outubro e novembro, no comêço da estação chuvosa. Por isso a secagem dos grãos ao sol não é mais possível; "foi necessário construir secadores artificiais, verdadeiras usinas de elevado custo, que em geral não pertenciam a uma única fazenda mas a um grupo das mesmas".[18] Elas estão instaladas geralmente nas vilas dando-lhes com isso importância especial.

Tanto na zona de São Carlos-Ribeirão Prêto, quanto na zona de Botucatu, a cultura de café tinha ocupado, já por volta de 1920, tôda a extensão da formação Botucatu, que se estende de noroeste para sudoeste, com os seus solos de terra roxa, e tinha avançado em direção ao rio Paraná até próximo ao meridiano de 49 graus de latitude oeste. Tôda a imensa região a oeste dêste meridiano, ou seja quase um têrço do estado de São Paulo, figura no mapa do uso da terra em 1910 como sertão, e na maior parte mesmo, como mata virgem. Isto para mim é uma das mais surpreendentes realidades da geografia e história do estado de São Paulo e mesmo de todo o Brasil. Os paulistas, que foram os primeiros europeus a se fixar no planalto interior do Brasil, e que nos séculos XVII e XVIII varejaram todo o interior do país povoando-o esporàdicamente, do Amazonas no norte ao Rio Grande do Sul, não dedicaram ao oeste de seu relativamente pequeno estado, a mínima atenção durante quatro séculos, pelo menos no que diz respeito às possibilidades de povoamento. Em virtude disto, esta região, ainda no primeiro decênio de nosso século era desconhecida e povoada apenas por um pequeno número de índios e intrusos. E isto, apesar do fato de se encontrar aí um rincão excelente, em parte com solos muito férteis e um clima saudável.

O oeste de São Paulo pertence a uma nova formação geológica, os arenitos Bauru, do cretáceo. Nesta região penetraram desde 1920, com grande rapidez, a cultura do café e o povoamento, e formou-se aí a mais nova, mais extensa e mais notável zona pioneira do estado de São Paulo. Ela constitui as "Zonas Novas" de MILLIET. Denominei "Zona Pioneira do Oeste de São Paulo", pois embora a verdadeira atividade pioneira, isto é, a derrubada da mata já tenha pràticamente terminado, ela não deixa, de acôrdo com a sua estrutura econômica e social, de figurar entre as zonas pioneiras do Brasil atual.

5) *As Zonas Pioneiras do Sul do Brasil*

Ao mesmo tempo que no Brasil centro-oriental tropical o sistema econômico capitalista da "plantation" levava à formação das zonas pioneiras mais importantes do país, no Brasil meridional subtropical apareceram novas zonas pioneiras, que entretanto não podem ser comparadas em tamanho e importância com as zonas de São Paulo. Isto se deve principalmente ao fato de que lá não foi um produto valorizado de exportação que levou à expansão da agricultura e ao povoamento de matas até então intactas, mas apenas a produção de

[18] DEFFONTAINES, Pierre, n.º 3, p. 168.

gêneros de consumo para abastecer o mercado interior. Além disso, o pioneiro não era o latifundiário luso-brasileiro, mas o imigrante europeu, que explorava a sua pequena propriedade com o auxílio apenas do trabalho de sua família.

No sul do Brasil, por isso, a formação das zonas pioneiras está ìntimamente relacionada com a colonização européia, e como no meu trabalho sôbre "Os Princípios da Colonização Européia no Sul do Brasil" já tratei pormenorizadamente da mesma, não terei necessidade de entrar aqui em minúcias.

No sul do Brasil os colonos europeus, com poucas exceções, fixaram-se na mata virgem. Mas nem tôda a região povoada pelos colonos tem o caráter de zona pioneira. Estas só se desenvolveram onde um transporte barato permitia colocar os produtos excedentes em um mercado com capacidade de absorvê-los ou em um pôrto de exportação, e onde, além disso, havia bastante terra à disposição para receber um grande número de colonos. Em tôdas as outras regiões, ou a colonização estagnava completamente, ou então fazia progressos especiais econômicos tão lentos que lhes faltava por completo o caráter dinâmico, próprio de uma frente pioneira.

A primeira e por muito tempo mais importante zona pioneira do sul do Brasil foi formada por imigrantes alemães na primeira metade do século XIX no Rio Grande do Sul. A colonização começou em 1824, não diretamente à beira-mar, mas apenas a 25 quilômetros ao norte da capital do estado, a cidade portuária de Pôrto Alegre, localizada no extremo interior da lagoa dos Patos. Dali se expandiu, no sopé e na encosta do planalto, subindo o Jacuí navegável e seus afluentes, e penetrando cêrca de 200 quilômetros para oeste. Comparado com o das zonas pioneiras atuais o número dos povoadores era pequeno e a marcha de sua expansão foi muito lenta. Mas o excedente em produtos agrícolas desta velha zona pioneira, como milho, feijão, farinha de mandioca e sobretudo banha de porco, era considerável e era parcialmente exportado, através de Pôrto Alegre, para outras regiões do Brasil. Com isso, a serra do Rio Grande do Sul, coberta de matas, tornou-se o primeiro celeiro do Brasil. Sòmente após a passagem para o século seguinte é que os produtos acima mencionados perderam em importância para os produtos mais valorizados, como manteiga, queijo, produtos de salsicharia, carne conservada e produtos comerciais como fumo e alfafa.

Uma segunda zona pioneira desenvolveu-se a partir de 1890, no planalto ocidental do estado do Rio Grande do Sul. Lá foi a construção da estrada de ferro de Pôrto Alegre para São Paulo, atravessando o Paraná, que tornou possível a colonização desta região remota. Também ali, a produção e a exportação de produtos agrícolas foi considerável durante alguns decênios, mas atualmente, em virtude do esgotamento do solo, entrou em franco declínio. Apenas na extensa região florestal ao sul do rio Uruguai a explotação expande-se ainda com caráter pioneiro. Mas, terras devolutas não existem mais, e com isso é talvez o estado do Rio Grande do Sul o primeiro estado do Brasil onde não existem mais grandes reservas florestais e onde não há mais a possibilidade da expansão da agricultura para novas terras de mata, tendo que se recorrer à cultura e colonização das grandes áreas de campos naturais.

Também no estado de Santa Catarina se desenvolveram duas zonas pioneiras, uma próxima à costa e a segunda no remoto planalto interior.

Foto 3 — *A região do vale do Itajaí, uma das zonas pioneiras do sul do Brasil no século XIX, caracteriza-se ainda pela ocupação agrícola em pequenas propriedades, por descendentes dos antigos colonos alemães.*

Foto CNG — Jablonsky

Das numerosas colônias européias, principalmente alemãs, que foram fundadas na região costeira de Santa Catarina, durante o século XIX, apenas uma se desenvolveu numa verdadeira zona pioneira. Esta foi a colônia Blumenau, colônia particular fundada em 1850 no vale do Itajaí. Entretanto, a colonização no vale do Itajaí só logrou alcançar maior impulso e expansão mais acelerada na passagem para o século seguinte, quando a Companhia de Colonização Hanseática começou a colonizar a região do Braço Norte, com processos modernos, ligando a sua sede em 1909 por estrada de ferro com a cidade de Blumenau (mas não com o mar). Depois da Primeira Grande Guerra a colonização se expandiu ràpidamente, por intermédio de uma série de companhias de colonização menores, pela região do Braço Sul e do Braço Oeste. No fim do decênio de 1930 estava alcançado o planalto interior e com isso se chegava ao limite natural da zona pioneira.

Da mesma forma que a zona serrana do Rio Grande do Sul a região de Blumenau e do vale superior do Itajaí produzia principalmente banha, feijão e farinha de mandioca e posteriormente passou à produção e exportação de lacticínios, produtos de salsicharia e carnes conservadas.

A segunda zona pioneira do estado de Santa Catarina surgiu durante a Primeira Grande Guerra, no planalto interior, quando a estrada de ferro, descendo do norte a partir de São Paulo e cortando o estado do Paraná, alcançou o vale do rio do Peixe, um afluente do Uruguai, cujo vale ainda continha densas florestas. A estrada de ferro atraiu magnèticamente grande número de co-

ZONAS PIONEIRAS NO SÉCULO XIX
a_ZONA DA DEPRESSÃO DO PARAÍBA
b_ZONA CENTRAL DO ESTADO DE SÃO PAULO
c_ZONA DE SÃO CARLOS_RIBEIRÃO PRETO
d_ZONA DE BOTUCATU
ZONAS PIONEIRAS DO BRASIL ATUAL
1_REGIÃO DE XAPECÓ_PATO BRANCO
2_NORTE DO PARANÁ
3_OESTE DE SÃO PAULO
4_MATO GROSSO DE GOIÁS
5_REGIÃO AO NORTE DO RIO DOCE

lonos descendentes de alemães e de italianos do estado do Rio Grande do Sul, facultando-lhes ainda a possibilidade de exportar os seus produtos, principalmente porcos e alfafa, para São Paulo, que ficava a 1 000 quilômetros de distância. Êste é um caso raro de uma "captura" econômica numa zona pioneira: o oeste remoto de Santa Catarina não foi desbravado a partir do litoral, mas por povoadores que vieram do sul e que exportam os seus produtos para um mercado localizado a grande distância, mais ao norte.

Embora ainda haja muita mata no vale do rio do Peixe, principalmente no planalto dissecado, pode-se considerar o povoamento desta região, de uma maneira geral, como concluído. Entretanto, mais para oeste, na região das bacias dos rios Xapecó, Antas e Peperi, ao norte do rio Uruguai, a expansão da cultura ainda está em plena marcha. Isto nos leva à consideração das zonas pioneiras da atualidade.

III — AS ZONAS PIONEIRAS DO BRASIL ATUAL

Distingo no Brasil atual cinco zonas pioneiras:

1. A região de Xapecó-Pato Branco no noroeste do estado de Santa Catarina e no sudoeste do estado do Paraná.
2. O norte do Paraná.
3. O oeste de São Paulo.
4. O "Mato Grosso" de Goiás.
5. A região ao norte do rio Doce, nos estados de Espírito Santo e Minas Gerais.

Apesar de apresentarem muitas diferenças naturais, econômicas e sociais, estas cinco zonas pioneiras têm algumas características em comum que serão analisadas resumidamente, a seguir, antes de se entrar no exame minucioso de cada uma de per si .

A) *Considerações gerais*

Com exceção de Goiás, o desenvolvimento destas zonas deu-se a partir da Primeira Grande Guerra e foram indiscutìvelmente os preços elevados que atingiram os gêneros alimentícios que deram o principal impulso ao movimento pioneiro. Em maior escala ainda, a produção de gêneros alimentícios para o mercado interior foi uma causa fundamental para a formação da zona pioneira mais recente de Goiás. Em última análise, porém, êste mercado interior se resume nas duas grandes cidades — São Paulo e Rio de Janeiro — que tiveram um desenvolvimento extraordinário. Assim se esclarece a localização das zonas pioneiras no sudeste do país: elas se dispõem segundo um semicírculo de 500 até 1 000 quilômetros de raio em tôrno destas duas cidades.

Além de gêneros alimentícios são cultivadas também, nestas novas zonas pioneiras, plantas de importância comercial, sobretudo algodão e fumo. Êstes produtos, por sua vez, são consumidos principalmente pelo mercado interior. O cultivo de café para o mercado exterior também não deixa de existir, desde que as condições de solo e de clima o permitam. Mas, com exceção do norte

do Paraná, êle não representa mais o mesmo papel importante que desempenhou nas zonas pioneiras tropicais do século XIX. Em lugar da monocultura cafeeira surgiu a policultura e, a par da elevação dos preços dos gêneros de primeira necessidade, a queda de valor e a situação de crise no mercado do café, colaboraram essencialmente nesta transformação econômica.

Com a mudança econômica de mercado exterior para mercado interior, e da monocultura para a policultura deu-se ao mesmo tempo uma transformação em tôda a atividade agrícola. Como a produção de gêneros alimentícios e a cultura de plantas anuais, como o algodão e o fumo, exigem um emprêgo relativamente pequeno de capital, os grandes empreendimentos capitalistas das "plantations" perderam a sua primazia e desenvolveram-se numerosas unidades rurais de tamanho médio e pequeno, que eram explotadas pelos próprios proprietários ou por meeiros. Em outras palavras: o pequeno lavrador (no sentido europeu) começava a penetrar também no Brasil tropical. Os novos proprietários rurais eram os ex-colonos, isto é, meeiros que provinham das antigas zonas cafeeiras de São Paulo, ou eram imigrantes, vindos de além-mar e de outros estados do Brasil.

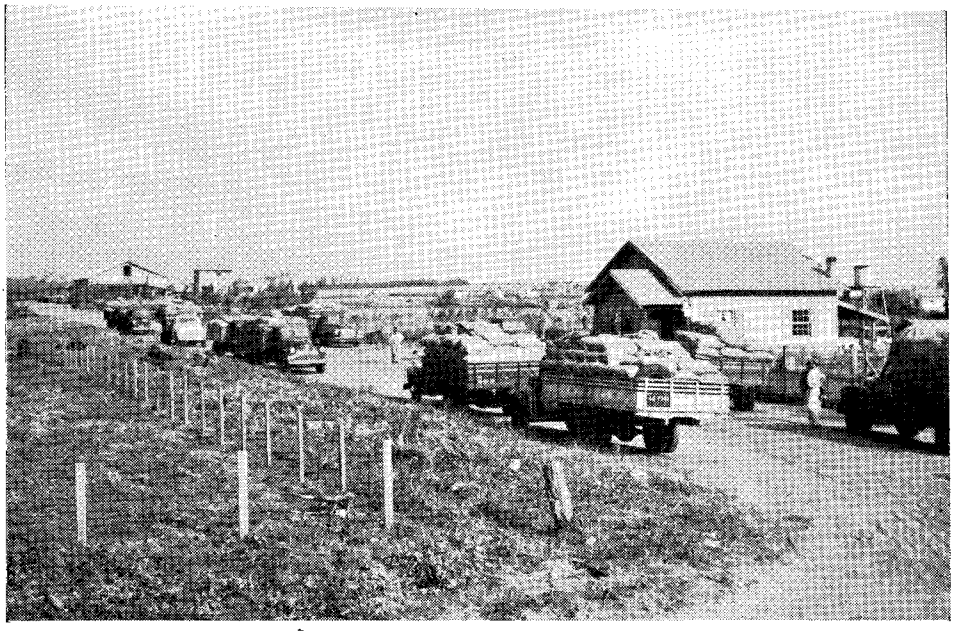


Foto 4 — *Nas zonas pioneiras atuais a circulação rodoviária é intensa. Aspecto do transporte do café na zona de Nova Esperança, no Paraná.*
Foto CNG — Jablonsky

Com isso, algumas das zonas pioneiras receberam uma população tão polimorfa que mesmo para as condições do Brasil ficavam além do normal. Entre a população estrangeira prevalecem os japonêses, italianos e também os espanhóis e portuguêses. Alemães só são encontrados em maior número na nova zona pioneira de Santa Catarina e na região ao norte do rio Doce, no Espírito Santo. Nacionais, tanto brancos quanto de côr, afluíram para as novas

* N. T. — No original "Bauer" que corresponde ao "paysan" da língua francesa e para o qual não temos têrmos correspondentes no vernáculo.

zonas pioneiras, em grandes massas, de tôdas as partes do Brasil, principalmente do nordeste e de Minas Gerais, depois que a imigração estrangeira pràticamente cessou com o rompimento da Segunda Grande Guerra.

Uma característica de tôdas as zonas pioneiras é o crescimento rápido da população e paralelamente a expansão rápida da área cultivada. Isto se deve essencialmente ao aparecimento de um novo sistema de transporte — o caminhão, e à construção das estradas de rodagem. É verdade que o transporte a grandes distâncias ainda repousa em grande parte nas estradas de ferro e cada uma das novas zonas pioneiras possui a sua ferrovia que a liga com os centros mais afastados. Ao longo das estradas de ferro aparecem os armazéns dos atacadistas e grandes depósitos, e em muitos casos em tôrno dos mesmos desenvolvem-se dentro de poucos anos verdadeiras cidades. Mas, para trazer os produtos até a estrada de ferro não se emprega mais, como nas antigas zonas pioneiras, o carro-de-boi ou as tropas, e sim o caminhão. Mesmo para os transportes a grandes distâncias o mesmo vem sendo empregado cada vez em maior escala. A sua influência no desenvolvimento das novas zonas pioneiras dificilmente poderá ser devidamente estimada! Nos pontos mais afastados das novas zonas pioneiras encontram-se postos de abastecimento de gasolina e oficinas de consêrto e novas linhas de ônibus penetram onde poucos anos atrás era plena mata virgem.

Foto 5 — *A exploração da floresta, rica em madeiras de lei, precede a ocupação agrícola nas zonas pioneiras atuais. Aspecto do transporte de toras para as serrarias, na zona de Cianorte, no norte do Paraná.*

Foto CNG — Jablonsky

Uma condição indispensável para o transporte rodoviário é, naturalmente, a construção de estradas e sobretudo a construção das pontes sôbre os rios e riachos. Estas últimas geralmente têm uma confecção sólida, enquanto as estradas muitas vêzes não são mais do que trilhas na terra barrenta, poeirentas mas trafegáveis na estação sêca e cheias de atoleiros, a ponto de ficarem in-

transitáveis, após as chuvas. Então cessa todo o trânsito na cidade e no campo, e a vida econômica fica paralisada às vêzes dias seguidos, como acontece após as grandes tempestades de neve na zona temperada. As estradas nestas ocasiões ficam cheias de automóveis e caminhões atolados, turmas de socorro partem em tôdas as direções e mesmo nas cidades o tráfego é limitado às necessidades indispensáveis.

Está claro que as novas zonas pioneiras, da mesma forma que as antigas, ficam tôdas localizadas na mata, e, com exceção, apenas de Goiás, na mata até então virgem, ou seja, no sertão bruto. A preexistência de matas é o fator natural mais importante para a criação das novas zonas pioneiras. Mas, enquanto antigamente a mata era considerada muitas vêzes como empecilho à expansão da lavoura e era então radicalmente queimada, hoje em dia, o caminhão permite uma valorização da mesma e o aproveitamento pelo menos das madeiras de lei. Emprêsas madeireiras e serrarias penetram hoje na mata antes do colono e em muitos casos facilitam-lhe o árduo trabalho.

Foto 6 — *Uma cidade pioneira. Aspecto parcial de Maringá, no norte do Paraná.*
Foto CNG — Jablonsky

Um outro fenômeno típico do estágio "pré-pioneiro" são os imensos latifúndios, que particulares ou companhias de terras adquiriram por preços irrisórios do govêrno, em pleno sertão bruto, vários decênios antes da chegada da estrada de ferro, para depois vendê-los em parcelas maiores ou menores com grande lucro. Por outro lado, caboclos que ocupavam terras sem requerer títulos de propriedade e "grileiros" que por meio de títulos duvidosos ou mesmo falsos se apoderavam de grandes áreas, procurando negociar ilegalmente com as mesmas, em muitos casos retardaram e prejudicaram o avanço da ocupação normal das terras.

Em algumas das zonas pioneiras até índios aí permaneceram até o início do século atual.

Da mesma forma que se pode distinguir um estágio pré-pioneiro é possível fazer referência a um estágio post-pioneiro. Êste começa quando tôda a terra já foi ocupada e a mata pràticamente já desapareceu. Mas, ainda restam em pé nas lavouras e nos pastos troncos carbonizados, e árvores derrubadas há tempos ainda seguem para as serrarias que também no estágio post-pioneiro são características.

Ao longo da estrada de ferro, ou da estrada de rodagem que geralmente a precede, desenvolvem-se de 10 a 15 quilômetros de distância povoados e cidades. Nestas reinam um grande movimento e um comércio ativo mas, pelo seu acabamento primitivo, a predominância de construções baixas de madeira e a falta de instalações higiênicas, elas ainda guardam o seu caráter pioneiro.

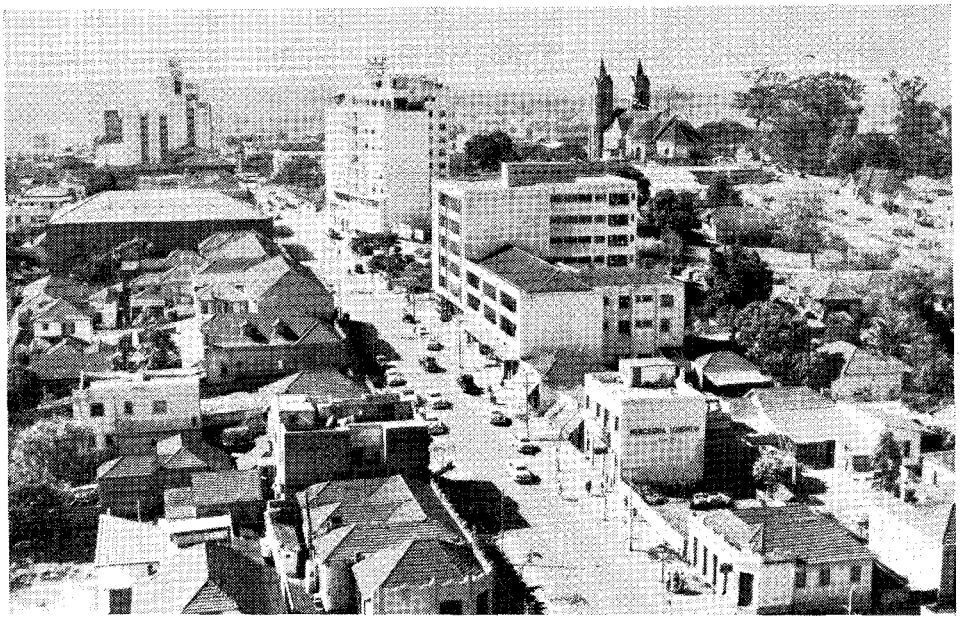


Foto 7 — *Londrina, a cidade fundada em 1932 como base para a penetração pioneira no norte do Paraná, cujo progresso se reflete na intensa vida comercial.*
Foto CNG — Jablonsky

Sòmente quando chegam a calçar ou asfaltar as suas ruas é que os centros urbanos passam do estágio pioneiro para o estágio civilizado. Ao mesmo tempo, em regra, é feita a construção de uma rêde de abastecimento de água e a canalização dos esgotos. Ao lado das indústrias de beneficiamento de produtos agrícolas, como máquinas de beneficiar café e arroz, moinhos de fubá, e casas de farinha, que já existem no estágio pioneiro, aparecem indústrias de produtos manufaturados, como oficinas de artefatos de couro, fábricas de móveis, etc. Nesta altura surgem, também, tôdas as formas mais elevadas da vida social, intelectual e religiosa. Muitas destas cidades novas completaram, no oeste de São Paulo, o seu ciclo desde a mata-virgem até o estado de centros culturais modernos, em 10 ou 20 anos. Em parte alguma do mundo, talvez, a cultura penetrou tão ràpidamente na mata como nesta zona pioneira. O fato que mais me impressionou foi o da cidade de Assis, na Alta Sorocabana, cujas primeiras casas foram construídas em plena mata em 1910, logo depois de ter sido elevada a sede de bispado, antes mesmo de aí chegarem os trilhos da estrada de ferro.

Para um europeu, que sempre relaciona o pensamento de uma sede de bispado com o de uma cidade centenária, cheia de honras e tradições, isto representa um desenvolvimento simplesmente inacreditável.

IV – COMPARAÇÃO DAS ZONAS PIONEIRAS DO BRASIL COM AS DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

Chegamos, finalmente, a uma comparação das zonas pioneiras do Brasil com as dos Estados Unidos. Esta comparação é perfeitamente possível, pois a área dos dois países é mais ou menos a mesma, estendendo-se na sua maior largura de leste para oeste. Em ambos os casos, além disso, o povoamento foi realizado por colonos europeus que partindo do litoral atlântico caminharam para oeste. Mas o processo da ocupação da terra e do povoamento foi bem diferente nos dois casos. Esta disparidade tem as suas causas em fundamentais diferenças de ordem política, histórica e social, existentes nos dois países. Mas também no que se refere às condições naturais há grandes diferenças; basta lembrar a grande diferença de latitude e de altitudes. Muito importante foi, por sua vez, a distribuição diferente da vegetação.

Nos Estados Unidos os dois principais tipos de vegetação, a mata e o campo, estão distribuídos em duas largas zonas, dispostas, como as faixas de uma gigantesca bandeira na direção norte-sul, ficando a mata a leste do continente e o campo no meio. Juntamente com a vegetação, condições uniformes de clima e de solo distribuem-se sem grandes variações sôbre grandes extensões. No Brasil temos, da mesma forma, ao longo da costa de leste uma faixa contínua de matas, mas ela é relativamente estreita e está ligada a condições topográficas muito desfavoráveis. No interior, com exceção apenas da Amazônia, a mata e o campo estão intercalados formando um mosaico. Em virtude disso, considerando que os dois tipos de vegetação apresentam tipos de solo bem diversos, falta no Brasil a grande homogeneidade das condições naturais que favoreceu de maneira extraordinária na metade oriental dos Estados Unidos a expansão regular da cultura.

A) *A marcha do povoamento*

Enquanto nos Estados Unidos os colonos desde 1880, acompanhando mais ou menos a bacia do Ohio, deslocaram-se sem interrupção para oeste num movimento em massa e em poucos decênios ocuparam como um exército invasor todo o país até o limite climático da zona árida a oeste, no Brasil o povoamento estacionou durante séculos seguidos na região da mata do litoral. Para o interior do país não penetraram exércitos de povoadores, mas apenas pequenos grupos e mesmo indivíduos isolados, que aqui e ali obtiveram algum êxito, mas que já pelo número reduzido que representavam, não lograram realizar um verdadeiro povoamento. O historiador alemão HEINRICH HANDELMANN já se referia ao contraste entre a marcha do povoamento norte-americano e brasileiro nos seguintes têrmos: "No Brasil o grosso do exército de colonizadores desagregou-se numa corrente de batedores que, cada um por si, em investidas rápidas, obtiveram grandes êxitos. Mas então, êles são obrigados a ficar estacionados como postos avançados isolados, sem uma ligação regular com a re-

taguarda, e só podem esperar auxílio num futuro muito remoto com a multiplicação do número de habitantes. Em suma, poucas palavras bastam para resumir tôda a comparação: a colonização norte-americana é uma realidade, a brasileira, até agora, apenas um esbôço".[19]

Do ponto de vista da ocupação da terra pode-se dizer, também, que no leste dos Estados Unidos o povoamento se processou segundo uma expansão espacial, enquanto que no Brasil foi linear ou por núcleos. E nisto foram preferidas as áreas de mata, desprezando-se os campos, pelo menos no que diz respeito à agricultura. Pelo mesmo motivo as zonas pioneiras no Brasil ainda hoje não formam uma faixa contínua, mas ficam a grandes distâncias umas das outras, separadas por várias centenas de quilômetros de terras de povoamento escasso e econômicamente estagnadas.

Embora no leste dos Estados Unidos a "frontier" do exército de povoadores, que marchava continente a dentro, fôsse sempre coesa, ela não sofria um deslocamento uniforme mas apresentava, aqui e ali como se pode observar claramente nos mapas do "Census Reports", protuberâncias em forma de penínsulas e reentrâncias em forma de golfos. Êste contôrno irregular da "frontier" é, como demonstrou TURNER[20] o resultado da influência de diversos fatôres. Assim, por exemplo, rios, como foi o caso principalmente do Ohio, e solos férteis, ocasionaram um avanço mais rápido para oeste, formando pontas de lança na fronteira. Um avanço mais lento e o aparecimento de reentrâncias na fronteira se dava principalmente quando os povoadores esbarravam com uma resistência mais forte dos índios. Mais do que outro fator qualquer, os índios de caráter guerreiro, em parte militarmente organizados fizeram com que nos Estados Unidos os colonos se mantivessem unidos e o seu deslocar assumisse o caráter de um cerrado movimento de massas.

Muitas vêzes imagino quão diferente teria sido o povoamento do Brasil, se os índios daqui tivessem o mesmo caráter belicoso que tinham os norte-americanos e se fôssem tão numerosos e militarmente organizados como aquêles. Então o povoamento do país não se teria efetuado por saltos, mas teria avançado contìnuamente e não teríamos no Brasil o sertão e os milhões de caboclos que, espalhados por todo o interior do país, vegetam numa vida inútil.

Sei perfeitamente que os bandeirantes e os fazendeiros de gado, que foram os primeiros a penetrar no interior do Brasil, tiveram que sustentar lutas constantes e em parte heróicas com os índios, sobretudo com os "Gês", e que para isso se organizaram em "clãs guerreiros", conforme se exprime OLIVEIRA VIANA.[21] Mas a resistência dêstes índios possìvelmente poderia ter dificultado o avanço dos pequenos grupos de portuguêses, mas nunca impedi-lo completamente. Sobretudo faltavam aos índios brasileiros as armas de fogo, que os índios norte-americanos já conheciam no século XVIII, e além disso faltava-lhes aquela rígida organização militar que, por exemplo, possuíam os Iroqueses que em fins do referido século lograram impedir durante vários decênios a penetração dos colonos no vale superior do Hudson.

---

[19] HANDELMANN, Heinrich, 5, p. 610.
[20] TURNER, F. Jackson, 16, p. 16.
[21] OLIVEIRA VIANA, 10, cap. X.

Em algumas zonas pioneiras do Brasil ainda permaneciam índios, principalmente Botocudos, até o comêço de nosso século, retardando em certo sentido o povoamento europeu. Mas, a rigor, o verdadeiro fator negativo não era o índio, e sim a mata impenetrável e fechada. Nela os índios estavam ambientados encontrando nos seus inúmeros esconderijos, um abrigo seguro contra o europeu. Esporàdicamente êles molestavam um e outro colono, mas desapareciam ràpidamente no momento em que o govêrno tomava medidas enérgicas para garantir o povoamento destas matas.

A importância que representavam para a colonização européia os índios belicosos e militarmente organizados pode ser percebida claramente também no caso da Argentina. Embora ali a topografia absolutamente plana e a vegetação aberta dos pampas facultasse uma expansão rápida dos europeus em tôdas as direções, a colonização espanhola ficou restringida até os anos do decênio de 1870, a uma região relativamente pequena a oeste e ao sul de Buenos Aires, em virtude da resistência e animosidade dos índios montados e munidos de armas de fogo.

Ao mesmo tempo que os índios relativamente pouco numerosos e de caráter pouco agressivo não representavam um empecilho ao devassamento do interior do Brasil, a descoberta do ouro e diamantes atraía os colonos europeus ràpidamente para o interior da mata-virgem. Também isto, ao meu ver, de modo geral não trouxe grandes vantagens ao país. É verdade que o Brasil deve à explotação do ouro a criação de alguns centros culturais antigos e adiantados no longínquo interior. Mas, da mesma forma são devidas à febre do ouro um grande número de cidades em vias de extinção, onde vive uma população pobre, que pouco se distingue do tipo rural, isto é, caboclo.

Também neste ponto de vista os Estados Unidos foram mais favorecidos. Lá as jazidas quaternárias de ouro, que já por si só promovem grande concentração da população, não ficavam no remoto interior do país, mas, nas proximidades do litoral do Pacífico. Além disso, elas não foram descobertas pelos primeiros povoadores, mas apenas muito tempo depois, por volta da metade do século passado.

B) *A localização das zonas pioneiras*

Da mesma forma que foi diferente a marcha do povoamento é diferente também a localização das zonas pioneiras nos dois países.

Sôbre a "fronteira" norte-americana escreve TURNER: "The most significant thing about the American frontier is that it lies at the hither edge of free land. It is the meeting point between savagery and civilization".[22]

Se de fato existisse tão grande semelhança entre o povoamento no Brasil e nos Estados Unidos, como geralmente se preconiza, e como o lema da "marcha para o oeste" faz supor, seria então de se esperar que as zonas pioneiras do Brasil estivessem na "fronteira demográfica", ou seja, nos estados de Goiás, Mato Grosso e Amazonas. Todos nós sabemos, entretanto, que êste não é o caso.

[22] TURNER, F. Jackson – 16, p. 3.

As zonas pioneiras dinâmicas do Brasil desenvolveram-se muito para trás da "fronteira demográfica" e em alguns casos aquém da fronteira econômica, no interior da região de povoamento antigo e muitas vêzes próximo ao litoral, bastante tempo depois de já ter sido povoado o interior do país.

No Brasil, as zonas pioneiras não são um fenômeno primário da conquista de terras novas, mas uma conseqüência da mesma. Elas só se formaram posteriormente e sòmente ali onde englobadas na área já povoada ficaram para trás áreas mais ou menos extensas de matas. A sua área é por isso restrita e já pelas condições naturais não podem ser ampliadas indefinidamente. Nestas áreas insuladas de mata os colonos penetraram não só a partir do leste, mas, também, do sul e do norte, e em parte do oeste, fazendo assim uma penetração pela retaguarda. Isto levou freqüentemente a litígios entre províncias e estados vizinhos. Todos êstes fatos, em última análise, não se enquadram bem na expressão da "marcha para o oeste".

Finalmente, os estudos realizados sob a direção do Prof. FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, sôbre o deslocamento das populações no Brasil entre 1920 e 1940, demonstraram que a população não se desloca como um todo para oeste ou para noroeste, mas caminha para sudoeste, afluindo para as novas zonas pioneiras que se formaram na esfera de influência das duas cidades São Paulo e Rio de Janeiro. Isto é tudo, menos uma marcha para o oeste!

Pela localização das zonas pioneiras do Brasil, no interior da região de povoamento antigo, fica esclarecido um importante contraste social e cultural entre o pioneiro brasileiro e o norte-americano. Nos Estados Unidos, o pioneiro tinha que enfrentar não só a rudeza da mata virgem, como a agressividade do índio. Nesta luta surgiram, então, aquelas figuras de heróis e aventureiros que imortalizaram as obras de um FEMINORE COOPER e despertaram o entusiasmo da juventude de todo o mundo e ainda hoje continuam fascinando as novas gerações. No Brasil também temos estas figuras de heróis, mas êles pertencem ao passado e em todo caso não podem ser encontrados nas zonas pioneiras dos séculos XIX e XX. E assim, aparentemente também não existe na literatura brasileira uma obra clássica que figure o pioneiro como aventureiro e herói. GRAÇA ARANHA no seu livro sôbre o vale de Canaã, na região central do Espírito Santo, na verdade descreve de maneira clássica o contraste social, cultural e espiritual entre o colono europeu recentemente imigrado e os luso-brasileiros já radicados na região, mas, uma feição aventureira e heróica falta por completo à sua obra que é mais de caráter filosófico. Também na literatura alemã não me é conhecido um equivalente a KARL MAY, que seguindo o exemplo de FEMINORE COOPER, retratou em várias obras a vida agitada das regiões pioneiras e fronteiriças da América do Norte.

Entretanto, os pioneiros norte-americanos e brasileiros, seja qual fôr a sua descendência, têm um traço característico comum. É o espírito especulativo das grandes iniciativas e a confiança no futuro, que os leva a caminhar sempre para diante e a comprar novas terras, em vez de procurar garantir e de explotar mais intensamente a propriedade que possuem. Esta fome de novas terras é, principalmente, uma conseqüência dos sistemas agrícolas adotados pelos colonos.

C) *O desenvolvimento da agricultura*

Quando se analisa a estrutura econômica das zonas pioneiras encontra-se, inicialmente, uma absoluta igualdade nos dois países. Tanto na América do Norte, quanto no Brasil, o colono nos primeiros anos de trabalho na mata adota o sistema da queimada e da rotação de terras e planta com o emprêgo da enxada, sobretudo milho, feijão e abóbora com que engorda porcos. Com exceção da criação de porcos, êste sistema foi inteiramente adotado dos índios, e isto porque é um sistema muito simples, barato e em poucos meses já permite obter alimentos para tôda a família de pioneiros. Êste sistema, porém, tem a desvantagem de não ligar o colono à sua terra e êste é o principal motivo por que êle muda freqüentemente de propriedade.

Infelizmente, até agora, não me foi possível descobrir por quanto tempo perdurou nos Estados Unidos êste primeiro estágio da civilização, caracterizado pela rotação de terras e pelas culturas do tipo indígena. Na bacia do Ohio parece que em pouco tempo êle deu lugar a uma agricultura nos moldes europeus, na forma de uma rotação de culturas com emprêgo de arado, combinada ainda com a estabulação do gado e adubação do solo. O inverno rigoroso, que não permite a permanência do gado ao ar livre, provàvelmente foi uma das principais razões da rápida intensificação da agricultura na região central e ocidental dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, desenvolveram-se cidades maiores e menores que funcionavam como mercados locais e que desde logo eram ligadas entre si e com o litoral atlântico, inicialmente, por estradas e canais e posteriormente por estradas de ferro. Por meio delas o pioneiro podia colocar os seus produtos tanto no mercado interior quanto encaminhá-los para o mercado do exterior. Desta forma êle conseguia lucros suficientes para intensificar o seu empreendimento agrícola, para introduzir melhoramentos na sua propriedade tornando-a mais confortável e podia também dar uma educação conveniente aos seus filhos, enfim, elevar o seu padrão de vida.

Assim estava formado no interior do continente um organismo econômico vital que, pode-se dizer, por energia própria se deslocava cada vez mais para oeste, como ondas sucessivas pioneiras passando umas sôbre as outras. Isto é a "marcha para o oeste" nos Estados Unidos.

Bem diferente é a situação no Brasil. Aqui o sistema da queimada e da rotação de terras tornou-se não apenas um fenômeno transitório, mas uma situação permanente. Em combinação com o igualmente primitivo sistema da criação de gado isto teve como conseqüência um escasso povoamento em grande parte do interior do Brasil, por uma população culturalmente atrasada e de nível econômico muito baixo. Isto, exatamente, é o sertão com os seus caboclos, que produzem apenas o suficiente para suprir as suas insignificantes necessidades. Com a falta de mercados urbanos capazes de absorver a produção e de estradas eficientes para o litoral, não foi possível desenvolver-se ali uma economia sadia na base de pequenos proprietários e assim, faltava o verdadeiro motor que nos Estados Unidos tornou possível uma colonização em massa no interior.

Sòmente em um estado do Brasil, pode-se dizer, que a exemplo dos moldes norte-americanos, uma população numerosa e ativa penetrou continente a dentro e desenvolveu ali uma moderna paisagem cultural. Êste é o caso do rela-

tivamente pequeno estado de São Paulo que representa apenas 3% da área total do Brasil mas que abrange 17% de sua população (censo de 1940). Mas, também ali, o avanço da civilização em direção ao interior foi acompanhado pela decadência, em conseqüência de um sistema agrícola exaustivo, de uma região próxima ao litoral, — a região do Paraíba, e no sudeste, ao longo da costa, formou-se um verdadeiro sertão na região do vale do Ribeira.

Na verdade o estado de São Paulo é, do ponto de vista das condições naturais, o mais favorecido em todo o Brasil. Lá, um clima salubre de planalto, com características subtropicais permite ao europeu realizar pesado trabalho braçal sem prejuízo de sua saúde. Lá temos ainda um relêvo suavemente ondulado, que permite o emprêgo de máquinas agrícolas e, acima de tudo, tem-se lá a célebre "terra roxa", um dos mais férteis tipos de solo de todo o Brasil. Finalmente, o estado limita-se com o mar, o que foi de decisiva importância para o seu desenvolvimento.

Onde, em outra parte do Brasil, temos semelhantes condições naturais favoráveis e semelhante população numerosa, ativa e empreendedora? Onde, a não ser lá, tôdas as condições necessárias para uma colonização em massa, nos moldes norte-americanos, existem e não foram ainda utilizadas?

V — A VALORIZAÇÃO DO "EXTREMO OESTE" DO BRASIL

As esperanças de muitos brasileiros concentram-se hoje em dia na valorização e colonização dos dois estados mais interiores — Goiás e Mato Grosso. Além de colonos nacionais pretende-se colocar ali, em grande escala, imigrantes europeus. Embora do ponto de vista científico grande parte dêstes dois estados seja ainda pouco conhecida ou pràticamente inexplorada, os traços gerais das condições naturais — clima, solo e vegetação são conhecidos e permitem tirar certas deduções a respeito dos resultados do povoamento e aproveitamento da região.

Ao contrário de São Paulo e dos estados meridionais, nos quais se desenvolveram as principais zonas pioneiras, está-se aqui em plena região tropical. O clima, embora, nos divisores entre os rios mais importantes seja amenizado pela altitude, apresenta um caráter tìpicamente tropical pela insignificante oscilação diurna e anual da temperatura e pela ocorrência da malária e outras doenças endêmicas. Se nestas condições uma população européia de pequenos sitiantes se possa aclimar, isto é, preservar através de sucessivas gerações a sua capacidade física e intelectual, é absolutamente duvidoso.

O relêvo das imensas chapadas, por outro lado, é muito favorável para o povoamento e ótimo para as práticas agrícolas. Mas como estas chapadas, em geral, são "plateaux" de arenito ou antigas superfícies de erosão, com depósitos arenosos, elas são pobres em água e têm um solo pouco fértil. Isto se expressa pela ocorrência de imensas áreas de campos naturais. É verdade que em ambos os estados há extensas áreas de mata com solos melhores. A uma destas áreas isoladas o estado de Mato Grosso deve o seu nome, e um "mato grosso" semelhante, no sul de Goiás, é o palco onde se desenvolve uma das zonas pioneiras atuais. Mas, estas e outras regiões de mata, cuja área e limites ainda não conhecemos exatamente, estão separadas umas das outras por imensas extensões

de campo, o que torna um povoamento denso e contínuo, nos moldes daquele realizado no centro-oeste dos Estados Unidos, pràticamente irrealizável. Não devemos esquecer que nos Estados Unidos os solos das estepes são melhores que os das florestas e que a colonização à medida que avançava para oeste encontrava solos cada vez melhores. Finalmente, na bacia amazônica, onde à semelhança do que ocorre na América do Norte a mata cobre densamente extensas áreas, tanto quanto o clima os tipos de solo são decididamente desfavoráveis para um povoamento em massa, principalmente para uma população de raça branca.

Tudo isto me leva à conclusão de que o oeste do Brasil não é uma terra da promissão. E aquêles que são da opinião de que o esgotamento e a devastação das terras na parte leste do país podem prosseguir sem grande perigo porque no oeste ainda permanecem grandes reservas de terras férteis, cometem, na minha opinião, um grave êrro. Para mim, em todo o caso, não restam dúvidas de que as melhores áreas do Brasil já foram ocupadas e que, mesmo no futuro, o país não assistirá a uma "marcha para o oeste" no sentido norte-americano, tão pouco como atualmente é o caso e como não o foi no passado.

Não compartilho, por isso, da opinião de alguns autores, que afirmam que o oeste remoto do Brasil poderia ser povoado desde que se deslocasse para oeste simultâneamente a "fronteira demográfica" e a "fronteira econômica", até que elas se superpusessem e se tivesse alcançado a "fronteira política".[23] Esta idéia preestabelece uma uniformidade das condições naturais, como era o caso no centro-oeste dos Estados Unidos, mas que no oeste do Brasil falta por completo.

Quando, porém, eu me mostro absolutamente céptico em face da idéia de conquistar o oeste brasileiro segundo o exemplo norte-americano, isto não significa que o Brasil não tenha mais possibilidades de um desenvolvimento agrícola. Ao contrário, considero-as muito grandes, aliás, mais no sentido qualitativo do têrmo do que no sentido exclusivamente quantitativo. Isto quer dizer: estas possibilidades estão mais na intensificação da agricultura no leste, densamente povoado, do que na expansão para oeste da área explorada segundo os métodos extensivos.

De qualquer forma, deveria primeiro desaparecer da paisagem rural e dos mapas do Brasil todo o sertão, e isto antes que se cogite do povoamento do oeste remoto. Mas, esta, pode-se chamar colonização interior e o repovoamento ("resettlement") será um trabalho penoso e lento, que tem como premissa fundamental uma transformação econômica e espiritual de tôda a população do sertão.

Por outro lado, é sem dúvida necessário que o Brasil, na idade do avião, tome as medidas necessárias para explorar o seu oeste desconhecido e pouco desenvolvido e o coloque sob uma administração organizada. Mas isto, a meu ver, é mais uma necessidade de ordem militar do que econômica. Econômicamente não se justifica, isto é, não trará recompensas, estender a colonização

[23] "É preciso, evidentemente, ampliar a área abrangida pela fronteira econômica. Esta, assim, aos poucos, se superporá à atual fronteira demográfica. O mesmo fenômeno, continuando a se processar, acabará fazendo coincidir as fronteiras demográfica e econômica com os lindes políticos da nacionalidade. Só então é que teremos, realmente, ocupado e conquistado o Brasil".

HEHL NEIVA, Artur, 6, p. 226.

cada vez mais continente a dentro, antes que o povoamento do leste tenha progredido e que se tenham desenvolvido aí, à maneira do centro-oeste dos Estados Unidos, mercados locais e centros industriais. Se se empreende o povoamento do oeste remoto sem a garantia de uma colocação lucrativa dos produtos agrícolas, então se reincidirá no velho êrro da colonização no Brasil, isto é, de colocar os colonos em plena mata e depois deixá-los entregues ao seu destino. Com isto se cria um novo sertão e uma nova leva de caboclos. Não se pode chamar a isto de uma marcha para o oeste.

Uma colonização bem sucedida, só é possível onde seja produzido um produto comercial ("cash product") que encontre uma boa aceitação no mercado nacional ou internacional. A idéia de que a colonização do longínquo interior deva ser iniciada com a fundação de cidades, que formariam o mercado para os colonos, que posteriormente se instalariam nas imediações e por sua vez receberiam das cidades os produtos manufaturados, pode fàcilmente levar a um círculo vicioso. Em qualquer ponto desta economia fechada terá que ser produzido um produto agrícola ou industrial que possa ser colocado em mercados mais afastados e do qual provenham os lucros que são a premissa fundamental para atrair o colono para a mata virgem e mantê-lo lá. Mas, onde está êste produto que tenha o valor do ouro e, como êste metal, seja capaz de promover um "boom" no oeste remoto do Brasil?

Enquanto êle não existir, e, enquanto ainda houver terras disponíveis no leste, nenhum homem de visão clara tomará parte numa marcha forçada para oeste. Para estas loucuras entusiasmam-se espontâneamente apenas os aventureiros e especuladores de terras, elementos da população que já existem de mais no Brasil e que, para uma colonização em bases sólidas são indesejáveis. Não é dêsses elementos que precisa o país, e sim do verdadeiro camponês, segundo o conceito europeu, cuja virtude é estar ìntimamente ligado ao seu torrão e à sua propriedade, e que se empenha em transformá-la num verdadeiro lar que se conservará através das gerações, passando de pai para filho e dêste para os netos. Sòmente êle, por meio de seus métodos agrícolas intensivos, será capaz de transformar os solos esgotados do leste em terras permanentes de lavoura e com isso preencher as grandes lacunas de distribuição da população na região de povoamento antigo. O futuro do Brasil não está no oeste, e sim no leste. E o grande lema, na minha opinião, não deveria ser "marcha para o oeste", e sim "tomar pé firme no leste". Esta expressão é menos teatral, mas creio que corresponde melhor à realidade brasileira.

Sinto-me satisfeito, ao terminar, de poder fazer referência a alguns autores brasileiros que chegaram aos mesmos conhecimentos e à mesma conclusão final que eu.

O geógrafo e escritor brasileiro CAIO PRADO JÚNIOR em 1943 manifestou-se acerbamente contra a impensada divulgação da expressão de "marcha para o oeste". Parece lógico que antes de ir adiante, devassando sertões meio inacessíveis, se deva tratar do que ficou para trás. Há muito que fazer aí. A "marcha para o oeste", preconizada assim como uma política de estímulo à penetração do interior, é evidentemente reincidir no nosso êrro de séculos: a dispersão e instabilidade do povoamento.[24]

[24] PRADO JR., Caio, 13, p. 30.

E o engenheiro e geógrafo AMÉRICO BARBOSA DE OLIVEIRA considera "aquêle sentido de brasilidade" atribuído à palavra "rumo ao oeste" como uma "fórmula mística". "Criação literária felicíssima, mas cujo significado vago dá margem para justificação dos maiores dispautérios políticos, sociais e econômicos". "É uma fórmula que satisfaz aos anseios subconscientes de todos os latifundiários e especuladores do país. Os de oeste, contando com a possível valorização de seu patrimônio, os de leste, adquirindo a certeza da manutenção do "stato quo", isto é, a certeza de poder continuar parasitando tranqüilamente a exploração extensiva do solo, ou locupletando-se com sua "valorização, apenas, sem explorá-lo".[25]

BIBLIOGRAFIA

1 — BARROS FERREIRA — "A maravilhosa história das estradas de ferro de São Paulo". "Diário de São Paulo" — 2-17, março de 1950.

2 — CROTTON, Décio Ferreira — "O modelado de Campos". "Bol. Geogr.", ano VII, n.º 79, outubro de 1949, pp. 690-727. I.B.G.E. — C.N.G.

3 — DEFFONTAINES, Pierre — "Pays et paysages de l'État de Saint-Paul". Première esquisse de la division régionale. (Deuxième article). "Annales de Géographie", n.º 253, XLV année, 15 janvier 1936.

4 — GRAÇA ARANHA, José Pereira da — "Canaã". 276 páginas. 10.ª ed. F. Briguiet & Cia. Editôres. Rio, 1949.

5 — HANDELMAN, Heinrich — "Geschichte von Brasilien". XXIV. 989 páginas. Verlag von Julius Springer. Berlim 1860.

6 — HEHL NEIVA, Artur — "A imigração na política brasileira de povoamento". "Revista Brasileira dos Municípios", ano II, n.º 6, abril-junho 1949, pp. 220-244.

7 — JAMES, Preston E. — "The coffee lands of Southeastern Brazil". "The Geographical Review", vol. XXII, n.º 2, april 1932, pp. 225-244.

8 — MILLIET, Sérgio — "Roteiro do café". Coleção Departamento Cultural, vol. XXV, 211 páginas. 3.ª ed. São Paulo 1941.

9 — OLIVEIRA, Américo L. Barbosa de — "Estudos brasileiros de economia". Fundação Getúlio Vargas, ano I, vol. I, junho de 1946, 121 páginas, Livraria Cosmos Editôra, Rio.

10 — OLIVEIRA VIANA — "Populações Meridionais do Brasil". Coleção Brasiliana, série 5.ª, vol. 8, 4.ª ed., 1.º vol. XXXIII + 422 páginas. Cia. Editôra Nacional, 1938.

11 — PRADO Jr., Caio — "Formação do Brasil Contemporâneo" (Colônia). 388 páginas, 2.ª ed. Editôra Brasiliense Ltda. São Paulo, 1945.

12 — PRADO Jr., Caio — "História Econômica do Brasil". 318 páginas. Editôra Brasiliense Ltda. São Paulo, 1945.

13 — PRADO Jr., Caio — "Problemas de povoamento e a pequena propriedade". "Bol. Geogr.", ano I, n.º 12, março de 1944, pp. 17-31. I.B.G.E. — C.N.G.

14 — SETZER, José — "Os Solos do Estado de São Paulo". XIV + 387 páginas. Biblioteca Geográfica Brasileira, série A, publicação, n.º 6. I.B.G.E. — C.N.G.

15 — VAN DELDEN Laerne, C. F. — "Brazil and Java" (Report on coffee, culture in America, Asia and Africa). 637 páginas. London, W. H. Allen & Co. B. Waterloo Place, 1885.

16 — TURNER, Frederick Jackson — "The frontier in American History". 375 páginas, New York, Henry Holt and Co. 1920.

[25] OLIVEIRA, Américo Barbosa, 9, p. 64.

RÉSUMÉ

L'auteur étudie les régions pionnières du Brésil, autant dans le passé que dans le présent, en les comparant à celles des États Unis de L'Amérique du Nord et discute, finalement, le problème de la valorisation de l'extrême ouest brésilien.

Une mention de l'aire déjà occupée et qui a une valeur économique est faite, en premier lieu, par l'auteur, laquelle est petite en relation à l'extension du territoire, raison pour laquelle elle constitue la dernière reserve de terres disponibles dans le monde occidentale.

L'auteur définit l'expression "zone pionnière" comme étant une bande de terre, relativement large, qui est intercalée entre la forêt vierge et la zone civilisée, et dans laquelle l'agriculture et le peuplement ont provoqué un véritable *rush* ou *boom*.

Dans son travail, l'auteur s'intéresse à peine aux zones pionnières dinamiques, lesquelles ont une pius grande ressemblance à celles du *middle-west* amerıcan.

En examinant les zones pionnières du Brésil, dans le passé, l'auteur conclue qu'elles ont surgit dans la seconde moitié du XVIIIème siècle, lors de l'expansion de la culture du coton. La canne à sucre, quoiqu'elle n'ait pas provoqué, à bien dire, l'apparition de zones pionnières, pour avoir toujours été liée au littoral, a occasionné une expressive augmentation des sucreries et de la population dans les plaines du bas Paraíba, pendant la période de 1750 à 1820; de tels faits font penser à une zone pionnière.

Déjà au XIXème siècle, le café en rencontrant dans la région orientale du centre du Brésil des conditions naturelles et économiques très favorables à sa culture, il s'est repandu vers l'intérieur en provocant l'avancement de fronts pionniers classiques. Ceux-ci ont été subdivisés en: Zone de la depression du Paraíba, laquelle dans la deuzieme partie du XIX éme siècle a atteind son apogée et a substitue le systhème de "roças" par le systhème capitaliste des *plantations;* Zone centrale de l'État de São Paulo, où le développement de la culture du café s'est fait pendant la même époque que celle de la vallée du Paraíba et a été provoqué, en partie, à cause de la construction du chemin de fer; la Zone de São Carlos-Ribeirão Prêto, située dans une région de terres violettes, laquelle a été aussi bénéficiée par la construction du chemin de fer "Mojiana" et "Paulista" avec ses nombreuses ramifications.

La Zone de Botucatu, située dans une région de terrains triassiques, avec des occurrences de terres violettes, avait été occupée tout d'abord pour l'élevage du bétail. Le café s'y est repandu seulement au commencement de ce siècle.

En même temps que des nouvelles zones pionnières se développaient dans la région orientale du centre du Brésil, d'autres zones ont surgit dans la région méridionale du pays.

Une première zone pionnière s'est développée, à partir de 1824, dans l'État du Rio Grande do Sul et les émigrants allemands se sont éparpillés au long du pied du plateau et sur ses escarpes. Une autre a commencée en 1890 sur le plateau et dans la partie Nord-Occidentale de l'État.

Dans l'État de Santa Catarina a surgit une zone pionnière dans la vallée de Itajaí, en vertu d'une iniciative privée, où a été fondée la colonie de Blumenau, en 1850. Une autre a été créée pendant la première guerre mondiale sur l'intérieur du plateau et son expansion a été facilitée par la construction du chemin de fer São Paulo-Rio Grande.

L'auteur distingue, dans le Brésil actuel, cinq zones pionnières:

1ère La région du Xapecó-Pato Branco dans le Nord-Ouest de l'État de Santa Catarina et dans le Sud-Ouest de l'État de Paraná.

2ème Le Nord du Paraná.

3ème L'Ouest de São Paulo.

4ème Le Mato Grosso de l'État de Goiás.

5ème La région Nord du Rio Doce, dans les États de Espirito Santo et Minas Gerais. À l'exception de Goiás, le développement de ces zones s'est vérifié à partir de la première guerre mondiale. Elles présentent toutes des différences naturelles, économiques et sociales, mais elles possèdant certaines caractéristiques en commun.

En faisant la comparaison des zones pionnières du Brésil avec celles de l'Amérique du Nord, l'auteur mentionne d'abord l'extension territorielle des deux pays et montre, ensuite, que l'occupation a été faite dans les deux nations par des colons européens qui sont parti du littoral atlantique et ont pénétré vers l'Ouest. L'occupation de la terre et le peuplement n'ont pas suivit, cependant, les mêmes procédés, non seulement à cause des différences d'ordre politique, historique et sociale, mais aussi à cause des conditions naturelles.

En ce qui concerne la pénétration du peuplement, il y a eu, aux États Unis, réellement, une "marche vers l'Ouest", qui a été facilitée par les conditions naturelles: les colons se sont dirigés, depuis 1880, vers l'Ouest comme s'il s'agissait d'une armée.

Au Brésil, la pénétration est restée longuement stationnée dans la région de la forêt du littoral et l'avancement vers l'intérieur s'est fait en petits groupes ou individus isolés, de là provient l'avancement par sauts et la présence d'une grande quantité de "caboclos" dans l'intérieur du pays.

En analysant la structure économique des zones pionnières des deux pays, l'on observe une certaine ressemblance dans le systhème agricole adopté par les premiers colons, c'est à dire, celui de la rotation des terres. On ne peut pas préciser la durée d'emploi de ce systhème aux États Unis, et qui n'est plus en usage, tandis qu'au Brésil, le systhème en question est encore employé. De là provient le fait qu'une grande partie de l'intérieur du pays, sauf quelques exceptions, est faiblement peuplée et ses habitants ont un bas niveau intellectuel et économique.

L'espérance de beaucoup de brésiliens réside dans la valorisation et colonisation des États de Goiás et Mato Grosso. Mais, les conditions naturelles des ces États ne semble pas favoriser grandement l'adaptation des émigrants européens dans cette région.

Il serait d'un plus grand interêt que le peuplement de l'Est augmente et que des marchés locaux et des industries y soient développées avant que le peuplement pénètre vers l'Ouest.

L'opinion de l'auteur est que le futur du Brésil ne se trouve pas dans l'Ouest, mais plutôt dans l'Est et sa grande divise n'est pas "marcher vers l'Ouest" mais "prendre pied ferme sur l'Est".

RESUMEN

Estudia el autor, Profesor Leo Waibel, las zonas pioneras del Brasil, en el pasado y en el presente, comparándolas con las de los Estados Unidos de la América del Norte y, finalmente, discute el problema de la valorización del extremo oeste brasileño.

Refiérese inicialmente al área del Brasil económicamente ocupada, pequeña en relación a la gran extensión del territorio que possee por ello la última reserva de tierras disponibles en el mundo occidental.

El autor define la expresión "zona pionera" como una faja de tierra, relativamente ancha, que se intercala entre la selva virgen y la zona civilizada, y donde la agricultura y el poblamiento han provocado un verdadero *rush* o *boom*.

Se interesa solamente en el trabajo por las zonas pioneras dinámicas, que son las que más se asemejan a las del *middle-west* americano.

Examinando las zonas pioneras del Brasil, en el pasado, concluye que ellas surgieron en la segunda mitad del siglo XVIII, en la época de la expansión del cultivo algodonero. La caña de azúcar a pesar de no haber dado origen a la formación de zonas pioneras, por estar siempre ligada al litoral, ocasionó expresivo aumento de los ingenios y de la población en la planicie del bajo Paraíba, en el período de 1750/1820; tales acontecimientos hacen recordar una zona pionera.

Ya en el siglo XIX, encontrando el café en el Brasil centro oriental, optimas condiciones naturales y económicas para su cultivo, luego se expandió para el interior provocando el avance de zonas pioneras clásicas. Éstas fueron subdivididas en: Zona de depresión del Paraíba, que en la segunda mitad del siglo XIX alcanzó su apogeo y en el que el sistema de "roças" pequeñas áreas cultivadas, fué substituído por el sistema capitalista de la *plantation;* Zona central del Estado de San Pablo donde el cultivo cafetero se desembolvió en la misma época que en el valle de Paraíba, motivada en parte por la construcción de la línea ferroviaria. Zona de San Carlos-Ribeirão Prêto, situada en áreas de tierra morada, también beneficiada por la construcción. de las líneas ferroviarias, la Mojiana, y la Paulista con sus numerosas ramificaciones.

Zona de Botucatu, localizada en terrenos formación trásica, con partes de tierra morada, y poblada inicialmente por hacendados de ganado. Expandiéndose ahí el cultivo del café, solamente en el inicio de este siglo.

Al mismo tiempo en que se desenvolvían las zonas pioneras del Brasil centro-oriental, nuevas zonas surgían en la región meridional del país.

En el Estado del Río Grande del Sur, se desarrolló la primera zona pionera a partir de 1824, expandiéndose los emigrantes alemanes en la base y en las inmediaciones del planalto nor-occidental del Estado.

En Santa Catarina, surgió la primera zona pionera por iniciativa particular en el valle de Itajaí, donde la colonia de Blumenau fué fundada en 1850.

Otra se inició durante la primera gran guerra mundial en el planalto interior, y su expansión fué facilitada por la construcción de la via-ferroviaria San Pablo-Río Grande.

En el Brasil actual, el autor distingue cinco zonas pioneras:

1a. La región de Xapecó-Pato Branco en el noroeste del Estado de Santa Catarina y sudoeste del Estado del Paraná.
2a. El norte del Paraná.
3a. El oeste de San Pablo.
4a. El Mato Grosso de Goiás.
5a. Región al norte del río Dulce, en los Estados de Espiritu Santo y Minas Gerais.

Con excepción de Goiás, el desenvolvimiento de esas zonas comenzó a partir de la primera gran guerra mundial. Presentan todas ellas diferencias naturales, económicas y sociales, pero poseen algunas características en común.

Comparando las zonas pioneras del Brasil con las de los Estados Unidos, el autor se refiere inicialmente a la extensión territorial de los dos países, y, en seguida a la ocupación que en ambos fué realizada por colonos europeus, venidos del litoral atlántico y dirigiéndose para el oeste, divergen por lo tanto los procedimientos de ocupación de la tierra y del poblamiento, en los dos países, no sólo por diferencias de orden política, histórica y social, como también por las condiciones naturales.

En la marcha del poblamiento, en los Estados Unidos, hubo realmente "marcha para el oeste", facilitada por la homogeneidad de las condiciones naturales: Los colonos desde 1880, dislocáronse para el oeste como un gran ejército de pobladores.

En el Brasil no aconteció lo mismo, el poblamiento se estacionó largamente en la región de la selva del litoral y el avance para el interior fué hecho por pequeños grupos o individuos aislados, dando origen a ese poblamiento por saltos, y a la presencia de esa gran cantidad de caboclos en el interior del país.

Analizando la estructura económica de las zonas pioneras de los dos países se nota cierta semejanza en el sistema agrícola adoptado por los primeros colonos, esto es, el de rotación de tierras. En los Estados Unidos no se puede precisar la duración de ese primer ciclo, que hoy día está abandonado, en tanto que en el Brasil, todavía perdura. En consecuencia, una gran parte del interior del país, salvo algunas excepciones, quedó escasamente poblada por una población de bajo nivel intelectual y económico.

Actualmente la esperanza de muchos brasileños concéntrase en la valorización y colonización de los Estados de Mato Grosso y Goiás, pero, por lo que se sabe de sus condiciones naturales, será difícil la adaptación del emigrante europeo en esa región.

Sería de mayor interés que el poblamiento del este progresara y que ahí se desenvolvieran mercados locales y centros industriales antes que el poblamiento avance para el oeste.

El autor es de opinión que el futuro del Brasil no está en el oeste y, sí, en el este y su gran lema no es "marchar para el oeste" pero sí "poner pié firme en el este".

SUMMARY

The author, Prof. Leo Waibel, studies past and present pioneer zones in Brazil, comparing their distribution to the one observed in the United States of America, and discussing the problems involved in economic planning for the brazilian west.

The author describes the area econommically occupied and emphasizes that it is small in relation to the large extension of the country; on account of these characteristics, the country possesses the last disposable land reserves in the occident.

The author defines, then, the expression "pioneer zone", a strip of land relatively wide which stands between the virgin forest and the civilized zone, and within which agriculture and peopling caused a rush or boom.

Only dynamic pioneer zones are dealt with on account of their similarity to the ones observed in the American middle-west.

Examining historic brazilian pioneer zones, the author concludes they appeared during the second half of the XVIII th. century when an expansion of cotton cultivation was noted; sugar cane, without causing the establishment of pioneer zones, caused an increase in the number of sugar mills and of the population of the lower Paraíba valley during the period between 1750 and 1820.

During the XIX th. century coffee was brought to the central-eastern part of Brazil; this area presented ideal natural and economic conditions for coffee and this situation caused coffee plantations to expand towards the interior, inducing the advance of classic pioneer fringes.

These fringes were the following: the pioneer zone of the depression of the Paraíba valley, which attained its peak during the second half of the XIX th. century and where the agricultural system (shifting cultivation) was substituted by the capitalist plantation system; the central zone of the State of São Paulo, where coffee appeared during the same epoch as

in the Paraíba as a consequence of the construction of the railroad; the São Carlos-Ribeirão Prêto zone, where *terra rossa* occurs, also benefited from the construction of two railroads, Mojiana and Paulista, and their numerous ramifications.

The Botucatu zone, localysed on triassic terrain with occasional occurrences of *terra rossa*, was innitially occupied by farmers; only after the beginning of the present century did coffee expand in this zone.

While the pioneer zones of central-eastern Brazil developed, new zones appeared to the north.

In the State of Rio Grande do Sul a first zone developed after 1824; the german immigrants spreaded on the foothills and on the slopes of the plateau. Another zone appeared in 1890, on the northeastern plateau of the State.

In Santa Catarina, a first pioneer zone appeared in the valley of the Itajaí river on account of private enterprise, where the Colônia de Blumenau was founded in 1850. Still another zone appeared during the First World War, occupying parts of the interior plateau, its expansion facilitated by the construction of the railroad connecting São Paulo and Rio Grande.

The author distinguishes five pioneer zones in Brazil, in our days: 1 — the Xapecó-Pato Branco region to the northeast of Santa Catarina and southwest of Paraná; 2 — the north of Paraná; 3 — the west of São Paulo; 4 — the so called Mato Grosso of Goiás; 5 — the region to the north of the Doce river, in the States of Espírito Santo and Minas Gerais.

With the exception of the one in Goiás, the expansion of these zones begun during the First World War. All have natural, economic and social differences but present some common characteristics.

Comparing brazilian pioneer zones with their american similars, the author refers innitially to the area covered by the two countries and then to the fact that the peopling was made, in both cases, by european colonists which origin was the Atlantic littoral of Europe, and who moved west. The processes of occupation of the land are different not only because of political, historic and social differences but also because of the natural conditions which prevailed in each country. The march of the occupation in the United States was atually a "march to the west" due to the homogeneity of natural conditions: since 1880 colonists moved west like a great army of settlers.

The same did not happen in Brazil; the peoplers stayed too long within the forests of the coast and the advance towards the hinterland was made either by small groups or by isolated elements. This situation caused the occupation to be made by "jumps" from one point to another and explains the presence of a large number of "caboclos" in the interior.

Analysing the economic structure of the pioneer zones in the two countries, the author states that there is a certain similarity among the agricultural systems used by the first settlers, i.e., the rotation of land. It is not possible to establish the duration of this first phase in the United States; in Brazil it still occurs. As a consequence, a large extension of the interior, with few exceptions, is scarcely occupied by a population whose intelectual and economical levels are very low.

The valorization and colonization of the States of Mato Grosso and Goiás now represent and concentrate the hopes of many brazilians but from what is known about the natural conditions which prevail in that region, the adaptation of european immigrants is considered difficult if not impossible.

It would represent a higher interest if the occupation of eastern Brazil expanded itself and if local markets and industrial centers were established in the east before any attempt is made to move west.

It is the author's opinion that the future of Brazil lies in the east rather than in the west and that the problem is to "make a stand" in the east before marching west.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Autor, Prof. LEO WAIBEL, untersucht die Pionierzonen von Brasilien in Vergangenheit und Gegenwart. Er vergleicht sie mit jenen der Vereinigten Staaten in Nordamerika, und er erörtert das Problem der wirtschaftlichen Erschliessung des äussersten Westens des Landes.

Er berichtet zunächst über die Flächen, die in Brasilien bereits wirtschaftlich erschlossen sind, und die im Vergleich zu der grossen Ausdehnung des Staates nur gering sind, weshalb Brasilien die letzte Reserve an noch verfügbarem Land aufweist, die es in der westlichen Welt noch gibt.

Der Autor definiert den Ausdruck "Pionierzone" als einen verhältnismässig breiten Streifen Landes, der sich zwischen dem Urwald und der zivilisierten Zone erstreckt, und in dem die Landwirtschaft und die Bevölkerung einen wahren *Rush* oder *Boom* hervorbringen.

Er interessiert sich in der Arbeit besonders für die "dynamischen" Pionierzonen, die am meisten dem mittleren Westen Nordamerikas ähneln.

Bei der Untersuchung der Pionierzonen vergangener Zeiten findet der Verfasser, dass sie sich erstmalig in der zweiten Hälfte des 18. Jahrhunderts entwickelten, als sich die Baumwollkultur ausbreitete. Weniger ausgeprägt ist die Verbindung von Pionierzonen mit der Kultur des Zuckerrohrs, weil Zuckerpflanzungen an das Litoral gebunden sind. Dennoch veranlasste auch diese Kultur einen plötzlichen Anstieg der Bevölkerung und der Zahl der Zuckerfabriken in der Tiefebene von Paraíba während der Jahre 1750/1820, eine Entwicklung, die an die Entstehung von Pionierzonen erinnert.

Der Kaffee fand im östlichen Brasilien schon im 19. Jahrhundert die günstigsten Bedingungen für sein Wachstum. Er breitete sich von hier aus rasch in das Innere aus und veranlasste ein mächtiges Anschwellen von Pionierzonen. Sie wurden in verschiedene Abschnitte untergeteilt. Die Zone der Niederung von Paraíba erreichte ihren wirtschaftlichen Höhepunkt in der zweiten Hälfte des 19. Jahrhunderts, als das System der Roças (Pflanzungen auf kleinen Flächen nach Vorbereitung durch Brand) durch das kapitalistische Plantagensystem ersetzt wurde. In der zentralen Zone des Staates São Paulo entwickelte sich die Kaffeekultur zur gleichen Zeit wie im Paraíbatal, zum Teil hervorgerufen durch den Bau von Eisenbahnen. In der Zone von São Carlos-Ribeirão Prêto wurde die Kaffeekultur auf Roterdeböden ebenfalls durch den Bau von Eisenbahnen begünstight, wie die Mojianabahn, die Paulistabahn und ihre zahlreichen Nebenstrecken.

Die Zone von Botucatu, auf Böden gelegen, die der Triasformation angehören, mit Auftreten von Roterde, war ursprünglich von Viehzüchtern bevölkert. Hier entwickelte sich die Kaffeekultur erst am Anfang dieses Jahrhunderts.

Zur gleichen Zeit, in der sich die Pionierzonen des östlichen Brasiliens entwickelten, entstanden neue Zonen im Süden des Landes.

Im Staat Rio Grande do Sul entwickelte sich eine erste Pionierzone nach 1824, als sich die deutschen Einwanderer am Fuss und an den Hängen des Planalto ausbreiteten. Eine andere entstand 1890 auf dem nordwestlichen Planalto des Staates.

In Santa Catarina entwickelte sich eine erste Pionierzone durch private Initiative im Tal des Itajaí, wo die Kolonie Blumenau im Jahre 1850 gegründet wurde. Eine andere entwickelte sich während des ersten Weltkrieges auf dem inneren Planalto. Jhre Ausdehnung wurde durch den Bau der Bahn São Paulo-Rio Grande do Sul erleichtert.

Im jetzigen Brasilien unterscheidet der Autor die folgenden fünf Pionierzonen:

1. Die Region von Xapecó-Pato Branco im Nordwesten des Staates Santa Catarina und im Südwesten von Paraná,
2. den Norden von Paraná,
3. den Westen von São Paulo,
4. den Mato Grosso von Goiás,
5. die Region nördlich des Rio Doce in den Staaten Espírito Santo und Minas Gerais.

Mit Ausnahme von Goiás geht die Entwicklung dieser Zonen auf das Ende des ersten Weltkrieges zurück. Alle diese Zonen haben grosse natürliche, wirtschaftliche und soziale Unterschiede, doch besitzen sie auch einige gemeinsame Kennzeichen.

Bei dem Vergleich der Pionierzonen von Brasilien mit denen in Nordamerika geht der Verfasser zunächst auf die territoriale Ausdehnung der beiden Länder ein, und er schildert dann die Besitznahme, die in beiden Fällen durch europäische Kolonisten erfolgte, die vom atlantischen Litoral herkamen und sich nach dem Westen vorschoben.

Dennoch gibt es Unterschiede in der Bevölkerung und in der Besitznahme des Landes in beiden Fällen, nicht nur wegen der unterschiedlichen politischen, geschichtlichen und sozialen Verhältnisse, sondern auch wegen der verschiedenen natürlichen Bedingungen.

Das Vorrücken der Bevölkerung in den Vereinigten Staaten war tatsächlich ein "Marsch nach dem Westen", begüngstigt durch die Gleichmässigkeit der natürlichen Bedingungen. Die Einwanderer schoben sich seit 1880 nach dem Westen vor wie ein grosses Heer.

In Brasilien haben wir nicht die gleiche Einheitlichkeit. Die Bevölkerung verharrte lange in der Region der küstennahen Wälder und das Vorrücken gegen das Innere zu erfolgte durch kleine Gruppen oder Einzelgänger. Daher rührt die sprunghafte Entwicklung.

Bei einer Analyse der wirtschaftlichen Struktur in den Pionierzonen der beiden Länder bemerkt man eine gewisse Aehnlichkeit in den landwirtschaftlichen Systemen, die von den ersten Einwanderern angewendet werden, vor allem im Landwechsel. Für die Vereinigten Staaten kann man nicht genau die Dauer dieser ersten Phase der Landwirtschaft angeben, einer Phase, die hier heute überwunden ist, während sie in Brasilien noch durchaus andauert. Die Folge ist, dass im Innern des Landes, von vereinzelten Ausnahmen abgesehen, ein grosser Teil nur schwach bewohnt ist durch eine Bevölkerung, die auf niedrigem intelektuellem und wirtschaftlichem Niveau steht.

Heute richtet sich die Hoffnung zahlreicher Brasilianer auf die Erschliessung und Kolonisierung der Staaten Mato Grosso und Goiás. Aber nach dem, was man über die natürlichen Bedingungen in dieser Region weiss, wird es schwer sein, europäische Einwanderer dafür zu finden.

Es ist von grösserem Wert, dass sich der Osten besser entwickelt, und dass hier lokale Märkte und industrielle Zentren entstehen, ehe sich die Bevölkerung nach dem Westen vorschiebt.

Der Autor ist der Meinung, dass die Zukunft Brasiliens nicht im Westen liegt, sondern im Osten, und dass der grosse Gedanke nicht sein sollte "Marsch nach dem Westen", sondern "Fussfassen im Osten".

RESUMO

La aŭtoro, Prof. LEO WAIBEL, studas la pionirajn zonojn de Brazilo, en la estinteco kaj en la estanteco, ilin komparante kun tiuj de Usono, kaj fine diskutas la problemon de la valorigo de la brazilia ekstrema okcidento.

Komence li traktas pri la areo de la ekonomie okupita Brazilo, malgranda rilate al la granda etendo de la teritorio, kiu tial posedas la lastan rezervon de teroj disponeblaj en la okcidenta mondo.

La aŭtoro difinas la esprimon "pionira zono" kiel terstrion, relative larĝa, kiu sin intermetas inter la sovaĝa arbaro kaj la civilizita zono kaj en kiu la terkulturo kaj la loĝatigo okazigis veran *rush* aŭ *boom*.

En la artikolo li interesiĝas nur pri la dinamikaj pioniraj zonoj, kiuj pli similas al tiuj de la usona *middle-west*.

Ekzamenante la pionirajn zonojn de Brazilo, en la pasinteco, li konkludas, ke ili ekaperis en la dua duono de la XVIII-a jarcento, okaze de la ekspansio de la kotonkulturo. Kvankam la sukerkano ne okazigis ĝustedire la aperon de pioniraj zonoj pro tio, ke ĝi estas ĉiam ligata al la marbordo, tamen ĝi kaŭzis konsiderindan plinombrigon de la sukerfabrikoj kaj de la loĝantaro sur la ebenaĵo ĉe la malsupra Paraíba, dum la periodo de 1750/1820; tiuj okazintajoj pensigas al pionira zono.

Jam en la XIX-a jarcento, ĉar la kafo trovis en la centra okcidenta Brazilo bonegajn naturajn kaj ekonomiajn kondiĉojn por sia kulturo, ĝi ekspansiiĝis internlanden okazigante la antaŭeniron de klasikaj pioniraj zonoj. Ĉi tiuj estis subdivididitaj en: Zonon de kavaĵo de Paraíba, kiu en la dua duono de la XIX-a jarcento atingis sian apogeon kaj kie la sistemo de *roças* (elhakado) estis anstataŭigita de la kapitalisma sistemo de la *plantation;* centran Zonon de Ŝtato São Paulo, kie la kafkulturo disvolviĝis en la sama epoko, kiel en la valo de Paraíba, estigita, parte, de la konstruado de la fervoio: Zonon de São Carlos-Ribeirão Prêto, situaciantan en areoj de violkoloraj teroj, ankaŭ profitiĝinitan el la konstruado de la fervojoj, Mojiana, kaj Paulista kaj ties nombraj branĉoj; Zonon de Botucatu, situaciantan sur terenoj de triasa formacio, kun okazaĵoj de violkolora tero, kaj loĝatigita komence de farmbienistoj de brutaro. Tie la kafkulturo ekspansiiĝis nur en la komenco de ĉi tiu jarcento.

Samtempe, kiam disvolviĝis la pioniraj zonoj de centra orienta Brazilo, novaj zonoj ekaperis en la suda regiono de la lando.

En Ŝtato Rio Grande do Sul disvolviĝis unua pionira zono ekde 1824, kaj la germanaj enmigrantoj ekspansiiĝis sur la malsupro kaj la deklivoj de la platajo. Alia komenciĝis en 1890, sur la norda-orienta platajo de la Ŝtato.

En Santa Catarina aperis unua pionira zono per privata iniciato en la valo de rivero Itajaí, kie Kolonio Blumenau estis fondita en 1850. Alia komenciĝis dum la unua Granda Milito sur la internlanda platajo, kaj ĝia ekspenasio estis faciligita de la konstrado de la fervojo São Paulo-Rio Grande.

En la nuntempa Brazilo la aŭtoro distingas kvin pionirajn zonojn:

1-a) la regiono de Xapecó—Pato Branco nordokcidente de Ŝtato Santa Catarina kaj sudocidente de Ŝtato Paraná; 2-a) nordo de Paraná; 3-a) okcidento de São Paulo; 4-a) Mato Grosso de Goiás; 5-a) regiono norde de rivero Doce, en la Ŝtatoj Espírito Santo kaj Minas Gerais.

Kun la escepto de Goiás la disvolviĝo de tiuj zonoj okazis ekde la unua Granda Mondmilito. Ili ĉiuj prezentas diferencojn naturajn, ekonomiajn kaj sociaj, sed havas kelkajn komunajn karakterizajojn.

Komparante la pionirajn zonojn de Brazilo kun tiuj de Usono, la aŭtoro mencias komence la teritorian etendon de la du landoj kaj poste la okupadon, kiu en ambaŭ estis realigita de eŭropaj koloniistoj, venintaj de la atlantika marbordo kaj irantaj okcidenten. Tamen da procedoj de okupado de la tero kaj de loĝatigo diferenciĝas en la du landoj ne nur per diferencoj de politika, historia kaj socia karaktero sed ankaŭ de la naturaj kondiĉoj.

En la marŝo de la loĝatigo, en Usono, estis reale "marŝo okcidenten" faciligita de homogeneco de la naturaj kondiĉoj; la koloniistoj, ekle 1880, delokiĝis okcidenten kiel granda armeo de loĝatigantoj.

En Brazilo la samo ne okazis, la loĝatigo longe haltis en la regiono de la arbaro de la marbordo kaj la antaŭeniro internlanden estis farita per malgrandaj grupoj aŭ per izolaj individuoj; de tio rezultis tiu loĝatigo per saltoj kaj la ĉessto de tiu granda kvanto da enlanduloj en la interno de la lando.

Analizante la ekononian strukturon de la pioniraj zonoj en la du landoj, oni rimarkas kelkan similecon en la teikultura sistemo adoptita de la ubuaj koloniistoj, tio estas, tiu de alterna sinsekvado de teroj. En Usono oni ne povas preciziĝi la daŭron de tiu unua fazo, kiu hodiaŭ jam estas flanke lasita, dum en Brazilo ĝi ankoraŭ longedaŭras. Konsekvence granda parto de la interno de la lando, kun kelkaj esceptoj, restis malmalute loĝatigita de loĝantaro kun malalta intelekta kaj ekonomia nivelo.

Nuntempe la espero de multaj brazilanoj koncentriĝas en la valorigo kaj koloniigo de Ŝtatoj Mato Grosso kaj Goiás. Sed laŭ tio, kion oni scias pri iliaj naturaj kondiĉoj, estos malfacila la adaptiĝo de la eŭropa enmigranto al tiu regiono.

Prezentus pli grandan intereson, ke la loĝatigo de oriento progresus, kaj ke tie disvolviĝus lokaj komercejoj kaj industriaj centroj, antaŭ kiam la loĝatigo antaŭenirus okcidenten.

La aŭtoro opinias, ke la estonteco de Brazilo ne estas en okcidento, se den oriento, kaj ĝia granda devizo ne estas "marŝi okcidenten", sed "plene firmiĝi en oriento".